

VIDA E LIBERDADE

Maria Auxiliadora de Souza Brasil

Dedicatória
À muito amada
Dorothy Nazareth Graça,
que o milagre da vida
trouxo e levou!

Meus agradecimentos
à Amanda Araújo Souza e
à Flávia Renata Emídio Souza,
minhas queridas Cuidadoras

Índice

Introdução

O pensar as teologias

As teologias afirmativas

A natural

A revelada

A teologia negativa, mística

O meu pensar sobre as teologias

O pensar as filosofias

O conhecimento filosófico racional

O conhecimento filosófico intuitivo

O conhecimento filosófico fenomenológico

O meu pensar sobre as filosofias

O meu pensar as doenças mentais

As neuroses

As psicoses

O meu conviver com as doenças mentais

Conclusão

Introdução

A verdade, resultado do confronto da ideia, produto do pensamento, com a realidade, antecipa a liberdade, poder de fazer ou deixar de fazer algo, poder de pensar ou deixar de pensar algo. A liberdade do corpo é inexistente, pois, para o surgimento dele são necessários dois outros corpos que o produzam e, durante todo o seu existir ele depende da comunidade na qual foi gerado, do mundo todo, enfim!

Procurando uma categoria para localizar o sentido do existir, cheguei à minha teoria do nada, ou melhor, à conclusão de que o nada é indefinível, e precisei me consolar com outros pensares, e me ocorreu pensar a liberdade de pensar, a única liberdade sem limites que o indivíduo realmente tem, e a liberdade de pensar o que de fato importa no existir, que são as religiões, o saber pelo saber e a saúde mental.

A liberdade de pensar é o objeto de minhas cogitações. Ela é ilimitada e incontestável. Pretendo pensar três dos inúmeros caminhos que o pensamento trilha, quais sejam os que tratam das teologias, conhecimento de Deus, das filosofias, conhecimento do saber, e das doenças mentais, psiquiatria. Espero ter lucidez suficiente para realizar tal intento, que continuo perseguindo desde sempre, que é a liberdade de ser.

Ao pensar as teologias, considerei os agrupamentos feitos pelos teólogos, que são a teologia afirmativa natural, aquela que trata o endeusamento do que é, cosmológica, e dos seres que são, antropológica, a teologia afirmativa revelada, aquela que trata a possibilidade de um contato direto com Deus, e a teologia negativa, mística, sem palavras, a atividade espiritual que aspira a conseguir a união da alma com a divindade.

Ao pensar as filosofias, respeitei a classificação dos filósofos, buscando acompanhar a filosofia racional, aquela que, apresentando sua versão individualista, postulava seus princípios, a filosofia intuitiva, aquela que deu ao ser humano um sentimento de religiosidade e a certeza da impossibilidade do conhecimento total, e a filosofia fenomenológica, aquela que afirmou que o fenômeno universo e o fenômeno ser humano no universo não são cognoscíveis nem na sua origem nem no seu destino.

Ao pensar as doenças mentais parti de um conceito matemático, da existência de quatro polos palpáveis, que, por assim dizer, explicam, grosso modo, as doenças mentais e o seu entrelaçamento entre elas, uma forma prática e compreensível até mesmo pelos leigos.

Estes quatro polos são denominados esquizofrenia e paranoia, no sentido horizontal dos raios, a partir do centro da circunferência, e melancolia e mania, no sentido vertical dos raios, também a partir do centro da circunferência.

Meu objetivo ao desenvolver o tema da liberdade é, não só descartar qualquer possibilidade do corpo de imaginar uma vida livre dos comprometimentos materiais que o prendem à vida comunitária, sem a qual sequer poderia existir, como também, afirmar que o pensamento é livre, que, com ele, podemos exercer o livre pensar e procurar escolher os caminhos possíveis para o nosso existir.

Para exercer o seu viver, o indivíduo necessita desenvolver seu espírito crítico e suplantando todos os embustes que a humanidade cria para impedir sua evolução e o exercício do seu livre arbítrio, desde que leve em conta os limites de sua liberdade de ser em face da liberdade de ser dos outros indivíduos. Ética e moral encontram-se bem claras nos princípios da Lei Mosaica, que explicitam o reto viver.

O pensar as teologias

Tratando de Deus, da sua existência, natureza e atributos, assim como da sua relação com o mundo, a teologia, discurso de Deus, pode ser afirmativa, um efetivo dizer, ou negativa, um silenciar. A teologia afirmativa, ou positiva pode ser natural, um saber de Deus à base do conhecimento do mundo, um saber sem fé, à luz da razão, ou pode ser revelada, dirigida pela luz da fé, critério supremo de qualquer elucidação racional interior. A teologia negativa, mística, não necessita de palavras nem de entendimento; é o resultado de uma entrega completa da alma a Deus, por meio da qual se supõe que Deus se faz presente ao fiel.

As teologias afirmativas

A natural

Os indivíduos surgiram de alguma forma, em algum lugar, em alguma época, e, inseguros diante da natureza ignota, deram origem a um sentimento de religiosidade, de se religarem às forças desconhecidas, ocultas, simbolizá-las e procurar sua proteção. Ritos e dogmas originaram a tradição que perpetua as fórmulas míticas apaziguadoras e propiciatórias.

A ideia religiosa manifestou-se cosmológica e/ou antropomórfica. Egípcios, assírios, fenícios, persas, cartagineses, gregos, romanos, gauleses, germanos, cada qual apresentava sua versão politeísta, com dogma incerto, crenças confusas e carregadas de lendas. Surgiram o vedismo, o bramanismo, o taoísmo, o budismo, o confucionismo e o milagre grego.

O vedismo, do veda, saber, fala de uma única divindade suprema à qual se aplicam nomes de vários deuses. Agni é o deus do fogo, Indra é o deus da atmosfera e do raio, Varia, e Soma, a libação divinizada. Seus inimigos são os Asuras, demônios. Seus livros sagrados, os Vedas, compõem-se de quatro volumes, em versos, sendo dois históricos, Rig e Atharva, e dois litúrgicos, Yajur e Sâma; supõe-se que tenham sido escritos desde o ano 1.500 a.C.

O bramanismo, formado na Índia, a partir do vedismo, tem quatro deuses principais; Brahma, criador do mundo, dos deuses e dos seres vivos; Vixnu, preservador e fim do universo; Xiva, destruidor, terapeuta e fecundador; Xacti, a energia. Todos podem descer à terra e encarnar; suas encarnações são avatares. A vaca, alguns outros animais e as plantas são sagrados. Seu fim principal é atingir o conhecimento divino pela ascese mística e espiritual (ioga) e pela contemplação mística. O homem pode renascer como rocha, planta ou animal, conforme seu merecimento. Há castas, prevalecendo, ainda hoje, os brâmanes, sacerdotes e autoridades.

O taoísmo, contemporâneo do budismo e do confucionismo, nasceu do Tao Té King, o Livro do Caminho Perfeito, atribuído a Lao Tsé, tendo nascido em 511 a.C e morrido em 479 a.C, pessoa lendária para muitos. O Tao é o caminho, podendo ser, ao mesmo tempo, o não-ser, a essência, e o ser, a função. Dele deriva sua própria virtude, Pei, que atua de dois modos alternativos, Yin concentração, e Yang, expansão, criando o céu, a terra e o ar entre eles. O Tao é uma ordem segundo a qual se produzem as coisas existentes e, também, o próprio nada.

O Caminho Perfeito é a linha de menor resistência entre dois pontos, a verdadeira linguagem da natureza. Tudo é uno. O sábio fica no centro do círculo e vê o todo, o universo, e atua nele de acordo com suas articulações naturais. Estar no Tao é ser espontâneo. A virtude está em seguir o Caminho Perfeito, a coisa mais nobre do mundo.

Deve-se evitar o desejo, evitar apegar-se, suprimir a rivalidade, influir sem intervir. Deve-se buscar a virtude, o equilíbrio, permanecer inocente, cultivar a moderação, transformar-se de acordo com as circunstâncias, compreender a si mesmo e sua ignorância, saber parar quando necessário.

O budismo surgiu nesse clima, de vedismo-bramanismo de um lado e taoísmo do outro. Siddhartha, ou Gautama Buddha, o iluminado, nasceu no norte da Índia, possivelmente em 558 a.C, e morreu em 483 a.C. Ananda, seu discípulo, ordenou os seus ensinamentos. As escrituras budistas, o Tripitaka, constituem-se do Dharma (ou Sutra) e do Abhidharma, que tratam da doutrina, e do Vinaya, que trata das regras de conduta em geral e, em particular, as monásticas. Em princípio, devem ser abandonados os problemas sem solução.

Buda foi tentado pelos dez pecados capitais: o egoísmo, a ironia, a modesta fé, a paixão, o ódio, a concupiscência da glória, o orgulho, o amor-próprio, a ignorância (mãe do medo e da injustiça). As quatro verdades, do budismo são: do sofrimento, da sua causa, da sua cessação, do caminho que conduz ao seu cessar. A causa do sofrimento é a sede de existir. Para salvar-se há um caminho com oito estágios; conhecimento, intenção, palavra, conduta, vida, esforço, pensamento e concentração retos. Devem ser evitados os vícios e cultivadas as virtudes. O indivíduo deve conquistar a si mesmo.

O confucionismo é contemporâneo do budismo e originário dos ensinamentos de Confúcio, chinês, nascido em 551 a.C e falecido em 479 a.C, que fundou uma escola e foi conselheiro remunerado de vários chefes de estado chineses. Baseia-se na sua obra, A Grande Doutrina, tradicionalista, fundamentando a necessidade da desigualdade social, mas devendo todos praticar a conduta virtuosa, que advém do Tao, o caminho mais conveniente, que é o ensinado pela tradição, isto é, do que pensaram os sábios sobre a virtude, a conduta decorosa e a reciprocidade delas.

Considerava Confúcio que, quando reina a ordem na família real, e nas famílias, o Estado se afirma, os povos são bem governados. O aperfeiçoamento moral é obrigação universal. O governo, a monarquia patriarcal, para garantir o poder necessita obter o amor do povo. Sua doutrina, anteriormente progressista, exortando ao aperfeiçoamento e à cultura, foi-se tornando apologista da resignação e da indiferença. Sua condenação dos atos combativos dos trabalhadores foi muito útil às classes dominantes.

O milagre grego, um fenômeno geo-histórico, surgiu dando lugar ao livre-pensar, do qual decorreram as diferentes concepções do mundo e da vida: com os jônicos, uma concepção monista, místico-religiosa, o hilozoísmo, que lançou a hipótese de um princípio vital na base do mundo; com Pitágoras, a doutrina da transmigração das almas, conforme o mérito; com Xenófanés, o panteísmo; com Anaxágoras, a existência do espírito; com Demócrito, a afirmação de que, para ter paz, o homem deve libertar-se do império dos sentidos e da angustiada crença nos deuses.

Surgiu, então, uma forma especial de dialética, a socrática. Sócrates nasceu em 469 a.C e morreu em 399 a.C, condenado à pena de morte pelas suas ideias. Ele denominou maiêutica, parto das ideias, à sua dialética em homenagem à profissão de sua mãe. Para ele: a razão é a base da vida moral e também fundamento de todo o cosmo; as verdades do espírito estão dentro do próprio indivíduo, e chegarão ao seu conhecimento por meio do diálogo dirigido para esse fim, pois o homem é, necessariamente, virtuoso; o bem deve ser praticado conforme a lei do estado.

A revelada

Paralelamente ao sentimento de religiosidade, decorrente do temor ao desconhecido, desenvolveu, o ser humano, um permanente anseio de comunicação com a divindade. Desejava a certeza. Sua imaginação, por mais que proliferasse, não lhe apaziguava o espírito. Os argumentos que desenvolvia sobre a origem e o destino do mundo, e sua própria origem e destino, sabia-o ele, vinham dele mesmo e careciam de fundamento real.

O escapismo pela fantasia poderá tê-lo levado a imaginar que o Criador lhe trazia a verdade, só possível de ser conhecida pela revelação. Em toda a história antiga da religiosidade encontram-se passagens em que uma visão direta da verdade é registrada. No entanto, apenas com o monoteísmo a crença na revelação divina se fez dogma de fé. Assim no judaísmo, no cristianismo, no islamismo e no espiritismo.

O Judaísmo ou, mosaísmo, compreende o conjunto das instituições que Moisés teria recebido de Deus. O primeiro homem cometeu uma falta, da qual todos os seus descendentes sofrem o castigo. O Messias virá e reconciliará a humanidade com Deus. O reino de Judá, remanescente das doze tribos de Israel, passou a congregar todos os israelitas e acabou sendo reduzido a uma província romana. A história dos hebreus, provenientes do patriarca Abrãao, consiste no Testamento, ou Bíblia, e compreende três partes: a Lei (Thorah) ou Pentateuco, com os seus cinco livros, o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio; os Profetas; os Escritos.

No ano sete da nossa era, o governo da Judéia foi confiado a um procurador romano. Novo movimento de independência foi-se delineando, provocando a represália romana, concluindo pela tomada de Jerusalém pelo imperador Tito, no ano setenta, terminando a história dos antigos israelitas. Os Judeus, sem pátria, espalharam-se pelo mundo, conservando-se unidos na fé, nos costumes e na esperança da reconstituição do Estado de Israel, que ocorreu em 14 de maio de 1948 com David Ben-Gurion, que proclamou sua independência, e aguardam o Messias.

O Cristianismo compreende o conjunto dos ensinamentos de Jesus, chamado o Cristo, o ungido, o Messias proclamado pelo testamento judaico, mas não aceito pelos judeus. Jesus, ou Javé, a salvação, teria nascido em Belém, da Virgem Maria, descendente da casa real de Davi, em 25 de dezembro do ano 749 de Roma, concebido pelo Espírito Santo, e, morreu crucificado no ano 33 da era moderna. Com a sua história, a Bíblia passou a constituir-se do Antigo e do Novo Testamento, o primeiro compreendendo a história do judaísmo, e o segundo, a história do cristianismo.

O Novo Testamento consta de quatro Evangelhos, versões da vida de Jesus, o de Matheus, por volta dos anos 60, o de Marcos, um apanhado dos ensinamentos de Pedro, em 63, o de Lucas, grego, valendo-se dos de Matheus e de Marcos, o de João, mais de trinta anos depois dos três primeiros. Dos Evangelhos, mereceu especial destaque o Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que têm um coração-pobre, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os corações puros, os pacíficos, os que são perseguidos por causa da justiça, os que forem caluniados e perseguidos por causa de mim”.

O Islamismo, ou maometismo, compreende o conjunto de ensinamentos que Maomé teria recebido de Deus. Maomé nasceu em Meca, no ano 571, e morreu em Medina no ano 632. Aos quarenta anos ter-lhe-ia aparecido o Anjo Gabriel, que teria comunicado sua missão espiritual junto à nação árabe. Elaborou, durante quinze anos, uma reforma religiosa e social. Perseguido, foi obrigado a fugir em 622, mas, em 630, apoderou-se de Meca, e o islamismo se consolidou como uma ameaça ao mundo cristão.

O Alcorão, Al Coran, o Livro, é o livro sagrado dos muçulmanos, cuja autoria Maomé atribuiu ao próprio Deus, que foi mantido pela tradição oral e redigido após a morte do líder. É um conjunto de dogmas e de preceitos morais, que são a base de toda a civilização muçulmana, fonte única do direito, da moral e da administração. Apresenta normas para o comportamento pessoal e social, e narrativas históricas que abrangem muitos conhecimentos relatados na Bíblia, Antigo e Novo Testamentos. É o livro sagrado de um sexto da raça humana no qual se encontram as linhas culturais do Ocidente e do Oriente.

O espiritismo compreende o conjunto dos ensinamentos sobre a natureza, origem e destino dos espíritos, bem como das suas relações com o mundo corporal. Seu compilador foi Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail), nascido em 3 de outubro de 1804, em Lyon, França, e falecido em Paris em 31 de março de 1869. Foi discípulo de Pestalozzi, bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina. Testemunhou os fenômenos das mesas giratórias e das escritas mediúnicas, convencendo-se da existência de um mundo invisível ambiente. Em 1º de abril de 1858 fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, devotado à fundamentação do dogma da reencarnação.

Dos seus livros, salienta-se o Evangelho segundo o Espiritismo, que apresenta um código moral universal, demonstrando o papel dos terapeutas, servidores de Deus, que professavam os princípios dos essênios da prática de todas as virtudes. Demonstra como Sócrates e Platão foram os precursores do cristianismo e do espiritismo. Afirma que o homem, alma encarnada, existia junto ao verdadeiro, ao bom e ao belo, vivendo atormentado pelo desejo de a eles retornar. Explica os diferentes estados da alma na sua erraticidade para poder nascer de novo e ver o reino de Deus.

A teologia negativa, mística

Pode, o ser humano, possuir uma capacidade de comunicar-se, direta e inenarravelmente, com o desconhecido, com a certeza, com a verdade absoluta. Esse tipo de comunicação com o absoluto é direto, pessoal, sem palavras, uma passagem direta, imediata, do imanente ao transcendente, um mergulho da pessoa no seu próprio ser, que é, necessariamente, um mergulho na realidade total, na consciência absoluta do mistério.

A tentativa de compreender o êxtase místico levou a uma doutrina filosófico-religiosa segundo a qual a perfeição consiste em uma espécie de contemplação que chega até ao êxtase e une misteriosamente o homem à divindade. No êxtase místico a alma participa da divindade, estabelecendo com ela uma unidade de vida. A sensibilidade deixa de ser obscura, de ser empecilho, e, iluminada, transfigura-se e arrebatada a inteligência.

A teosofia, sabedoria de Deus, de caráter místico e intuitivo, supõe-se ser insuflada por Deus no espírito do teósofo. Resume-a Mme Blavatsky na sua obra “A doutrina secreta”. Helena Petrovna Hahn nasceu à meia-noite de 30/31 de julho, em Ekaterinoslav, Rússia, e faleceu em 8 de maio de 1891. Fundou, em 1875, a Sociedade Teosófica que, em 1879, transferiu-se para a Índia e se expandiu para o mundo. Afirma que a vida é uma, eterna e invisível.

No primeiro volume, sua obra trata da Cosmogênese: a Divindade é o Movimento Universal, tendo como eternas testemunhas a Luz, o Calor e a Umidade. A essência, uma e desconhecida, expira o mundo e o inspira, fazendo-o aparecer e desaparecer, eternamente, e o nosso universo atual é uma dessas expirações. Vivemos no quarto grande período. Nossa Raça é a quinta, mas a sexta já está em vias de formação, na América. A sétima será a última Raça.

A mística cristã apresenta, desde a figura do próprio Cristo até os nossos tempos, um acervo vastíssimo. Escolhemos, cronologicamente: Santo Agostinho, que nasceu em

13 de novembro de 354, em Tagaste, Numídia, filho de Patrício, pagão africano convertido, e de uma cristã, Mônica, a Santa, e faleceu em 28 de agosto de 430; Santa Catarina de Sena, que nasceu em 1347, na Itália, filha de Tiago e Lapa Benincasta, e faleceu em 29 de abril de 1380; Santa Teresa de Jesus, que nasceu em Ávila, em 1515, filha de dom Afonso Sanchez de Cepeda e dona Beatriz de Ahumada, e faleceu em 1582; São João da Cruz, que nasceu também em Ávila, em 1542, filho de Gonzalo de Yepes e Catarina Alvarez, e faleceu de 13 para 14 de dezembro de 1591.

Santo Agostinho, convertido, depois de ter praticado boas obras procurava repousar na imensa santidade divina. Santa Catarina de Sena foi mística desde muito cedo, aos seis anos, e lia nas consciências e orientava pessoas; recebeu de Cristo o doloroso dom das chagas, ou estigmas; dois anos antes de morrer, falava, em êxtase, na missão de Cristo, dada por Deus. Santa Teresa de Jesus, virtuosa desde a infância, foi acometida de grandes enfermidades, viu Cristo várias vezes e o descreveu. São João da Cruz viveu infância pobre e difícil; foi grande colaborador de Santa Teresa; dizia que é preciso aprender a estar vazio de todas as coisas para ver Deus.

A mística espírita congrega, no seu bojo, toda a mística da humanidade. Registra todas as ocorrências místicas do Antigo Testamento. Lembra: São Dionísio, o Areopagita, que enunciou as leis da teologia mística; João Kiuysbroech, o admirável, que escreveu o Ordenamento das Núpcias Espirituais; São Francisco de Assis, Sombra de Cristo; São Boaventura, o Doutor Seráfico; a Beata Ângela, a Bem-Aventurada; Johann Eckhart; Jean Tauler, o Doutor iluminado; Santa Teresa de Jesus; São João da Cruz; Pietro Ubaldi.

Pietro Ubaldi nasceu, em Foligno, Itália, perto de Assis, no dia 18 de agosto de 1886, e desencarnou em 29 de fevereiro de 1972, no Brasil. Em 1931 iniciou sua obra gigantesca sobre a fenomenologia universal. Assim descreve sua visão... “Ardo, mas não me consumo; queimo, mas não me aniquilo; estamos além do espaço e do tempo, no infinito; medidas humanas não nos servem; guiou-me ao centro, de esfera em esfera, um cântico de amor; deslizando ao longo da sinfonia dos fenômenos, o meu espírito subiu a Deus.”

O meu pensar sobre as teologias

Um estudo aprofundado das teologias levou-me a fazer um sumário alentado sobre elas, que está exarado, no seu todo, no Primeiro Volume de minha obra “A Teoria e a Técnica Psicoterapêuticas Analítico-fenomenológico-existenciais”, volume esse denominado “Os fundamentos”, que são teológicos, filosóficos e científicos.

As tentativas de religação do indivíduo com a realidade total sofreram uma evolução a partir de, na sua origem, uma pluralidade de dogmas, com crenças confusas, carregadas de lendas. Uma das tentativas mais coerentes dessa fase foi a do vedismo, que originou o bramismo, o qual, juntamente com o taoísmo, ofereceu o material que iria orientar os antropologismos budistas e confucionistas, base do pensamento socrático e platônico, pedras angulares da teologia afirmativa natural.

No final do mundo antigo, os cultos dos diversos deuses se confundiram num largo sincretismo, apresentando um vasto panteão, levando, necessariamente, às reflexões de cunho antropológico que se seguiram. O temor das forças destrutivas da natureza persiste até hoje. O pensamento socrático também influencia até hoje a humanidade constituindo a base da vida moral e do conhecimento que o indivíduo necessita ter de si mesmo.

Paralelamente ao sentimento de religiosidade, decorrente do temor ao desconhecido e à necessidade de se conhecer, o ser humano desenvolveu um permanente anseio de comunicação com a divindade. O judaísmo, com David Ben-Gurion, reconstruiu o Estado de Israel. O cristianismo perdura, com base no Antigo e no Novo

Testamento. O islamismo tomou a palavra de Cristo e, com ela, toda a sua herança judaica. O espiritismo fez de todo esse acervo histórico a realidade de sua crença e tornou-se a pedra angular da teologia afirmativa revelada.

O judaísmo testemunha sua fé como guardiã de uma sabedoria milenar, admite a luta entre o bem e o mal aguarda o Messias, aquele que irá trazer novas luzes para o mundo. O cristianismo, admitindo também a luta entre o bem e o mal, vê em Jesus o Messias. O islamismo segue o Alcorão, o livro sagrado de um sexto da humanidade, e também admite a luta entre o bem e o mal. O espiritismo continua adotando o dogma da reencarnação, pressentido pelas mais antigas sociedades, conforme registros históricos de todas as civilizações.

Pode, o ser humano, possuir uma capacidade de comunicar-se, direta e inenarravelmente, com o desconhecido, com a certeza, com a verdade absoluta. Esse tipo de comunicação é direto, sem palavras. É um contato do indivíduo com o mistério do mundo que suscita uma iluminação interior que o faz conhecer sem ser capaz de enunciar a essência e a existência da realidade divina, um mergulho na realidade total, na consciência absoluta do mistério, a teologia negativa, mística.

É mítico falar sobre a mística. Mítico e mística são dois momentos da consciência. A alguns indivíduos foi dado um caminho diferente, fazendo-se Deus presente neles, sem palavras e sem necessidade de entendimento, o êxtase místico, que permite viver diretamente a unificação com o divino. O espírito abandona o corpo e põe-se a caminho, emerge das profundezas do seu ser, supera a dor do mundo, ressurge em outro plano, expande-se, harmoniza-se, unifica-se com Deus pelo amor.

A este pequeno excerto, segue-se o meu pensar. Até onde minha inteligência alcança, a humanidade sempre vai temer as forças destrutivas da natureza, como comprovam as atuais demonstrações de fúria que têm ocorrido em todo o planeta. Isto posto, todos os rituais propiciatórios virão sempre à tona quando os indivíduos pressentirem a sua chegada.

Por outro lado, um erro crasso coloca em risco parte das teologias, sejam afirmativas, naturais ou reveladas, sejam negativas, místicas. Trata-se da colocação inadmissível do pecado, crime, e do castigo na história delas. No entanto, antes de tratar tal tema, cabe um retrospecto crítico da história das teologias, tendo em vista a ideia principal da existência de Deus.

O vedismo remonta a uma alta antiguidade, reflete uma civilização chamada primitiva, que aparentemente não conhecia moral, nem dogma, nem cosmogonia. Aos deuses, devas, ou brilhantes, Agni, Indra e Soma contrapõem-se os Asuras, demônios. Seu livro sagrado fala em um só deus, uma única divindade suprema à qual se aplicam nomes de vários deuses. Nada acrescenta à questão posta, a origem de Deus.

O bramanismo ensina que: Brahma é o criador do mundo; Vixnu é o preservador dele, absorve-o e torna a expeli-lo; Xiva é, ao mesmo tempo, destruidor, terapeuta e fecundador; Agni é a energia. Todos os deuses podem descer à terra e encarnar. O fim principal do bramanismo é atingir o conhecimento divino, razão pela qual propala a busca da ascese mística e a prática da ioga. Reza que o homem, depois da morte, renasce como rocha, planta ou animal, conforme seu mérito. Nada acrescenta, também, à questão posta, a origem de Deus.

O taoísmo vem de Tao, caminho, e prega que Tao é uma ordem segundo a qual se produzem as coisas existentes e, também, o próprio nada. Ensina que se deve evitar: o desejo, que só contempla a forma, sendo necessário suprimi-lo para atingir a essência; as emoções; a rivalidade; a falsa aparência; a obstinação; o autoelogio; o orgulho; a avareza; a resistência. Ensina também o que se deve buscar: a não-resistência; a virtude; a

serenidade; a indulgência; a generosidade; a adaptabilidade. Inicia-se assim, a religiosidade moral e ética. Nada, porém, acrescenta ao meu tema, a origem de Deus.

O budismo tem como finalidade primeira a salvação. Reza que, em princípio, devem ser abandonados os problemas sem solução, tais como se o mundo é finito ou infinito, se alma e corpo são a mesma coisa, se a alma sobrevive ao corpo, etc. Devem propor-se questões úteis, de ordem prática, tais como a maneira de evitar o sofrimento provocado pela sede de existência. Deve-se buscar a iluminação, que leva à independência da ilusão e da roda dos nascimentos e da morte. Logo, o budismo descartou o meu tema e desenvolveu a moral e a religião.

O confucionismo baseia-se no respeito às crenças tradicionais, que procura expor e interpretar, lembrando sempre a necessidade de um aperfeiçoamento moral, de uma ideia correta do bem e do mal. Vale-se do Tao, o caminho perfeito, que se descobre por meio do conhecimento da tradição, isto é, do que pensaram os sábios. Considera o aperfeiçoamento moral como obrigação universal. Defende a diferença de castas. Condenou os atos combativos dos trabalhadores, tendo sido muito útil às classes dominantes. Só se ocupou do que tivesse alcance imediato. Não se ocupou de Deus.

O milagre grego, o livre pensar, originou diferentes concepções do mundo e da vida. Com os Jônios, o hilezoísmo lançou a hipótese de um princípio vital na base do mundo. Pitágoras falou da doutrina da transmigração das almas, interpretando a reencarnação como castigo ou recompensa. Xenófanes desenvolveu uma concepção panteísta do mundo. Anaxágoras afirmou a existência do espírito, o “nous”. Demócrito afirmou que, para ter paz, o homem deve libertar-se do império dos afetos e da angustiada crença nos deuses. Sócrates considerou que a razão é a base da vida moral e também fundamento de todo o cosmo. Ninguém se interessou pela origem de Deus.

A teologia afirmativa natural nada acrescentou ao meu pensar. Por outro lado, a teologia afirmativa revelada também nada me acrescentou. O judaísmo, ou mosaísmo, conjunto das instituições que Moisés teria recebido de Deus, define-o como invisível e incorpóreo, o ser por excelência, eterno, todo-poderoso, onipresente, justo, criador do céu e da terra. O primeiro homem cometeu uma falta, da qual todos os seus descendentes sofrem o castigo. A Bíblia, conjunto de livros, reza que o homem pode alimentar a esperança de uma libertação, da redenção.

O cristianismo, conjunto de ensinamentos de Jesus, chamado o Cristo, o unguido, o Messias proclamado pelo Testamento judaico, o Redentor anunciado pelos profetas, adotou a Bíblia como o Antigo Testamento e iniciou o relato da vida de Jesus com o Novo Testamento. O Apocalipse, revelação, de João, no fim da sua vida, no ano 100, fala da inevitável oposição do bem e do mal sobre a terra e resume os Testamentos, o Antigo como espera e o Novo como modelo, concitando o cristão a ser o centro de si mesmo e a cumprir o seu destino em direção ao centro maior, Deus.

O islamismo, ou maometismo, conjunto de ensinamentos que Maomé teria recebido de Deus, segue o Alcorão, Al Coran, o Livro. É um conjunto de dogmas e de preceitos morais que são a base de toda a civilização muçulmana; abrange muitos acontecimentos relatados na Bíblia, Antigo e Novo Testamento. O Alcorão compreende assuntos de três naturezas: algumas considerações gerais e indicações do que se deve evitar e do que deve buscar.

O espiritismo, consistindo, como ciência prática, nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos, e como filosofia, em todas as consequências morais que dimanam dessas relações, ensina que a alma que não se prepara em uma vida volta a outro corpo para completar sua preparação, e quantas vezes for necessário. A alma vive na erraticidade enquanto aguarda a reencarnação. A autoridade da doutrina espírita advém do controle universal do ensinamento dos Espíritos.

A teologia negativa, mística, ensina que a mística, quando transformada em pensamento relatado, ou seja, mito, pode ser examinada através dos textos que noticiam o pensamento místico, podendo ser considerada como verdadeira ou como produto do pensamento criador. Neste acervo, encontramos as afirmações da teosofia e os relatos dos grandes místicos cristãos e espíritas. Não tratam, também, a questão por mim posta.

A teosofia, sabedoria de Deus, de caráter místico e intuitivo, supõe-se ser insuflada por Deus no espírito do teósofo. Seu contexto apresenta doutrinas de origem hindu e doutrinas de mistério. “A doutrina secreta” obra de Mme Blavatsky, no seu primeiro volume, a Cosmogênese, afirma que a vida é una, eterna, invisível, mas onipresente. A essência, una, e desconhecida, expira o mundo e o inspira. O homem físico era, originalmente, um colossal gigante preterciário. A nossa raça é a quinta, e a sétima será a última.

A mística cristã apresenta, desde a figura do próprio Cristo até os nossos tempos, um acervo vastíssimo. Santo Agostinho, convertido e batizado, entrava em êxtase. Santa Catarina, aos seis anos, viu Jesus pairando no ar, com paramentos pontificiais, e Deus falava com ela sobre como entrar no céu; no fim da vida viu Jesus novamente. Santa Teresa de Jesus viu Cristo e o descreveu; viu-o várias vezes; viu Nossa Senhora; viu Frei Pedro Ibañez; viu demônios; descreve momentos de êxtase. São João da Cruz diz que Deus oferece visões sobrenaturais para conduzir a alma ao sumo conhecimento.

A mística espírita congrega, no seu bojo, toda a mística da humanidade. Registra todas as ocorrências místicas do Antigo Testamento, de Cristo e dos Cristãos. João Ruysbroeck, o Admirável, escreveu no Ordenamento das Núpcias Espirituais: “ele verdadeiramente arde como um incêndio e voa como uma águia; seu espírito solta um grito imenso e se abisma na vertigem dos mais altos estados místicos”, referindo-se a Dionísio. Há um sem número de místicos espíritas, ressaltando-se a figura de Pietro Ubaldi.

Tendo feito um retrospecto crítico da história das teologias, concluí que elas não se deram ao trabalho de tratar temas como se Deus existe e como surgiu. Elas deram como ponto pacífico a existência de vários deuses, na antiguidade, e, posteriormente, da existência de um só Deus. Não se ocuparam em indagar quem é Deus e de como surgiu. Decidiram que Ele é invisível, incognoscível, e pronto!

As religiões desenvolvem uma série de mitos, explicam o plano divino como bem lhes apraz, deduzindo que Ele criou tudo que existe, o cosmo, os reinos mineral, ou rochoso como era denominado na Antiguidade, vegetal e animal, o bom e o mau, o bem e o mal, tudo enfim. Nunca lhes ocorreu fazer indagações sobre de onde veio Deus, porque criou o universo e o que ganha Ele com tudo isso.

Todas as crenças, após o politeísmo, passaram a crer em um só Deus, ignoto e invisível. Concluíram muitos que Ele criou tudo a partir do nada; alguns se arvoraram de que foi a partir de uma massa informe, pré-existente. Tudo que é, enfim, aí está, e continuamos sem saber de Deus, a não ser através de sua obra. As religiões mais seguidas, o judaísmo, o cristianismo e suas vertentes, o catolicismo e os protestantismos, interpretam uma justiça divina a partir do binômio pecado (crime)-castigo.

Permanece, na humanidade, a crença infantil em um Deus cruel e vingativo, que castiga os indivíduos criados por Ele com imperfeições e erram por causa delas, e no corolário adolescente de com Ele poder comerciar. Tal crença, completamente irracional, só existe pela ignorância dos indivíduos incapazes do livre pensar, associada aos seus dirigentes, nos seus vários aspectos, avaros da riqueza proveniente da exploração do dízimo propiciatório do passaporte para o céu.

Necessário se faz criar um conclave com representantes de todas as religiões, pelo menos aquelas que têm tratativas semelhantes, ou seja, o judaísmo, o cristianismo, com

todas as suas variantes, e o islamismo. Jerusalém deve ser, necessariamente, o local do encontro, com a sua estrutura quadrangular, um bairro cosmopolita, um judeu, um cristão e um islamita. Um código comum deve ser elaborado e um conceito da justiça de Deus reformulado, com uma ética e uma moral, os bons costumes, ensinando o Caminho.

Os preceitos dantescos devem ser erradicados, mas um céu seráfico pode ser oferecido, enquanto um inferno demoníaco deve ser suprimido. O pecado não existe; existe, sim, o erro, decorrente da imperfeição de alguma criatura. Aquele que erra, deve compensar o seu erro, se possível, com a correção do mal feito dele decorrente ou por um bem que possa de algum modo ressarcir o mal praticado. Toda civilização, em todos os tempos, conta com seu código, que é revisto de quando em vez e é denominado constituição.

O código mais antigo de que se tem notícia é o de Hamurabi, que viveu de 2003 a 1961 a.C, o sexto rei da Primeira Dinastia da Babilônia, gravado em estelas de pedra, que foi descoberto em Susio, a 90 km do sul de Bagdá, nos tempos do Império Persa, onde residiu Dario, de cuja casa ainda se encontram escombros. Os arqueólogos que lá escavaram descobriram a preciosidade que lá estava e a levaram para o Museu de Londres, onde é objeto de estudos.

O emperramento do código judaico, no culto do Antigo Testamento, apesar de contar com a Lei Mosaica, jóia da humanidade, faz com que o judaísmo, negando Jesus como o Messias, permaneça na infância da humanidade. Por outro lado, o cristianismo, em todas as suas ramificações, ficou emperrado no culto ao Novo Testamento, permanecendo na adolescência da humanidade. Não há, pois, nenhuma religião adulta, muito menos o espiritismo na sua intrincada história da vilegiatura dos espíritos na erraticidade. A teosofia merece uma citação à parte.

Embora não tenha intenção de me tornar teósofa, a teosofia encantou-me com seu arcabouço aparentemente racional. Como psicóloga estou ligada à psicologia evolutiva do ser humano e do grupo humano, diretrizes da minha orientação profissional. No entanto, a Cosmogênese, de Mme Blavatsky, primeiro volume de sua magnífica obra “A doutrina secreta”, descrevendo as modificações ocorridas no planeta e a fluição dos povos em vários locais e em épocas diferentes, afirmando que somos a quinta raça e que a sétima será a última, merece estudo.

Voltando à nossa realidade, temos que ela é a única matéria que nos leva à verdade, o caminho único para a liberdade, que é inerente ao ser e que fundamenta o princípio da razão suficiente para justificar qualquer reflexão sobre o conhecimento, que é universal, único em sua essência e diverso em sua aparência. Nossa visão do conhecimento considera Deus um modo, uma etapa do ser humano na busca de si mesmo, o que faz dele um reflexo de cada etapa da evolução.

A hora de revisão do judaísmo, do cristianismo e do islamismo é agora, cumprindo o apelo do Apocalipse de João, que concita o cristão a ser o centro de si mesmo e a cumprir o seu destino em direção ao centro maior, Deus. A meta do ser humano é ser feliz; para ser feliz ele necessita, ser livre; só a verdade liberta. Estas devem ser as bases de um novo código, que decodifique as discrepâncias para fortalecer as semelhanças. Erradicando o mito do Deus vingativo, o ser humano torna-se livre para criar um paraíso real, neste e, em pensamento, em outro mundo.

O indivíduo não é corpo, ele “tem” um corpo; ele não é espírito, ele “tem” um espírito; ele não é mente; ele “tem” uma mente. Ele é vida, e a vida é invisível; só sabemos dela se está ou não presente no corpo. Vivendo, o indivíduo percebe a realidade, toma posse dela, entra em relação com ela para a conhecer. Tal percepção é afetada pela emoção, estado afetivo, inclinação para determinadas ações; esta inclinação é, por sua vez, regulada pela inteligência, capacidade de resolver problemas.

A inteligência age com consciência, o ser-para-si da interioridade, que busca, na moralidade, a interpretação do “dever ser”, as diretrizes para a conduta em geral, inclusive as sexuais e as religiosas. Para evoluir para a religiosidade adulta, o indivíduo necessita que seu campo vivencial, sua percepção, sua emoção, sua inteligência, sua consciência, sua moralidade e sua sexualidade estejam todos no nível adulto.

A lei operacional da aprendizagem reza que o indivíduo que percebe a realidade torna-se capaz de influir na sua própria evolução ao aprender a controlar sua conduta e a organizá-la no sentido de cada vez maior harmonização com o todo e no todo. Ela preside a transformação da individualidade em personalidade e da grupalidade em sintalidade. Minha esperança é que, acatando a lei operacional da aprendizagem, os esforços da educação sejam cada vez mais profícuos na busca da verdade a respeito da vida.

A meta do ser humano, que é a felicidade, ocorre em três níveis, o do corpo, o do psiquismo e o do espírito, fazendo-se necessário orientá-lo sobre a forma de a obter em todos eles. O bem-estar do corpo, a vivência mística, a primeira instância dela, é o bem-estar semelhante ao da vida intrauterina. O bem-estar psíquico, a experiência mística, a segunda instância, é a ausência de conflito. O bem-estar do espírito, o êxtase místico, a terceira instância, é o mergulho da pessoa no seu próprio ser.

Num efetivo ato de fé, esperança e caridade, fé em que haja um Criador, esperança de estarmos interpretando corretamente a destinação que Ele em nós imprimiu, caridade para com aqueles que ainda não tiveram o consolo dessa fé e dessa esperança, tenho dedicado minha vida, desde os 18 anos, a conseguir que os indivíduos se devam a se transformar em pessoas, adultos capazes de direcionar o seu viver no sentido da própria evolução e a da humanidade toda.

Procurando compreender a razão do emperramento da evolução, quer do indivíduo, quer da humanidade, deparamos com o fato de que o verdadeiro obstáculo à evolução deles são os motivos ocultos subjacentes às decisões individuais e coletivas, que impedem a escolha do verdadeiro, do bom, do belo e do santo. Tal obstáculo tem levado o ser humano e o grupo humano a uma série de equívocos que constituem a maior fonte da sua temática habitual, da mais burlesca comédia à mais dramática tragédia.

Tais motivos decorrem da falta de autoconhecimento, que fixa os indivíduos na comunicação ao nível consumatório inferior, aquele que só se ocupa do bem-estar individual. Os indivíduos não superam os obstáculos para a evolução porque não exercem o livre pensar, não se libertam do medo de um Deus cruel e vingativo, que perpassa toda a história bíblica, medo esse exacerbado pela crença no pecado, no castigo e no inferno.

A humanidade tem vivido e vem vivendo um arremedo de religiosidade. A maioria dos indivíduos cronologicamente adultos, apesar de contar com o aparato organopsíquico próprio dessa fase, vive na ignorância das suas prerrogativas e se entrega a um viver acanhado, seja submisso, seja revoltado. Com o objetivo de operacionalizar o aprendizado do indivíduo para a adultez responsável elaborei minha teoria e a minha técnica psicoterapêuticas analítico-fenomenológico existenciais, que permitem ao indivíduo exercer o livre pensar.

O futuro da humanidade é auspicioso. Uma vez que o princípio da liberdade é inerente ao ser, basta que ele conte com o ambiente adequado e com as informações corretas, verdadeiras, para evoluir até o máximo de sua potencialidade, buscando ser feliz. Contando com adultos que o encaminhem para o reto pensar, o indivíduo receberá a orientação adequada à etapa que esteja vivenciando e à modulação para a etapa seguinte. O futuro não é uma utopia, mas uma realidade para muitos de nós que já fazemos dele o nosso presente, bastando para isto que contribuamos para que cada vez mais indivíduos façam dele, também, o seu presente!

O pensar as filosofias

A natureza do saber filosófico originou diferentes filosofias, tantas quantas são as manifestações culturais da humanidade. Registra-se uma oposição entre a filosofia racional, o saber sobre o ser humano e sobre o grupo humano à base da razão, a filosofia intuitiva, o saber sobre o ser humano e sobre o grupo humano à base da intuição, e a filosofia fenomenológica, o saber sobre o ser humano e sobre o grupo humano à base da participação. A história da filosofia encontra-se exarada no primeiro volume “Os Fundamentos” da minha obra “A Teoria e a Técnica Psicoterapêuticas Analítico-fenomenológico-existenciais”.

Segue minha exegese, interpretação, da história da filosofia, hermenêutica porque se baseia nas leis exaradas no pensamento filosófico ao nível racional-dedutivo. Conforme considere o conhecimento do ser humano à base da razão, ou da intuição, ou da participação, cada indivíduo pautará sua conduta de acordo com as afirmações que elege a respeito da sua origem, vida e destino da humanidade e do universo.

O conhecimento filosófico racional

No pensamento antigo

No período cosmológico, a livre procura do saber robusteceu os espíritos, garantiu o clima para a reflexão. Do livre pensar decorreram as diferentes concepções do mundo, já superadas pela ciência, permanecendo a concepção de substância (o que é é eterna unidade, sem princípio nem fim, não podendo proceder do não-ser, que é inefável e impensável; o movimento é, portanto, tudo devém), do pensamento como instrumento para se conhecer a verdade e da existência de uma única espécie de matéria ou substância fundamental composta de inúmeros corpúsculos móveis, imperceptíveis, indivisíveis, inatos e imperecíveis, os átomos.

No período antropológico, às tentativas de explicação da natureza seguiram-se as tentativas de explicação do homem. Não mais algemado à tradição, habituado a questionar as crenças, o pensamento humano passou a questionar os costumes, a criticar as normas, a fazer da reflexão crítica e racional a sua norma, permanecendo a concepção de que as coisas são eticamente indiferentes, mas que há regras racionais para os atos humanos e que a conduta deve ser fundamentada na evidência e na reflexão, e não nos costumes.

No período sistemático, firmou-se o conceito de que conhecer o bem leva o indivíduo, necessariamente, a ser bom, e de que a lógica é o instrumento para se conseguir o conhecimento da verdade, pois os juízos são verdadeiros se correspondem a relações reais, e falsos se não. Afirmou-se, também, o conceito básico de que a essência do orgânico está no fato de que as partes pressupõem o todo, acomodam-se a ele, são o instrumento, órgão, para a existência e o desenvolvimento dele.

No período eclético, afirmou-se que, aos conceitos naturais vindos da experiência, unem-se os conceitos provenientes da reflexão deliberada, seja científica, seja filosófica. Afirmou-se, também, que, no silogismo, a premissa maior só vale sob a condição de ser também válida a conclusão, pois não há proposições básicas imediatamente evidentes para garantir o elo inicial da cadeia, havendo, então, a probabilidade, que manifesta graus quais sejam, representações prováveis em si mesmas, representações que, além disso, não

estão em contradição com outras, e representações confirmadas em todos os sentidos. Concluiu-se que o conhecimento racional, dialética, percebe as próprias ideias (consciência de si).

No pensamento medieval

No período patrístico, do dogma, afirmou-se que a razão decorre do Logos, Deus, e é a verdadeira fonte do conhecimento, valendo-se dos sentidos, e a causa do erro são os juízos precipitados; o homem está certo, pelo menos, de que existe, de que duvida e dos demais fatos da consciência.

No período escolástico, do sistema, concluiu-se que: o conceito é o sinal, o ato do conhecimento; existe uma realidade independente do sujeito cognoscente; há os conceitos gerais, universais; só na experiência se encontra o fundamento dos fenômenos; as ciências são reais quando tratam conceitos de objetos, e são racionais quando os próprios conceitos se tornam objetos do pensamento; as representações da sensibilidade e do entendimento são sinais naturais e as palavras são sinais artificiais.

No pensamento moderno

No período humanístico, propugnou-se a fé no ilimitado progresso da humanidade e a busca da liberdade interior para a conquista da felicidade pessoal, que decorre da paz da alma, sem prejuízo da lei e do costume.

No período científico, buscou-se a explicação científica do mundo, desenvolvendo-se o interesse pela derivação das causas eficientes e suas relações quantitativas, pela observação sensível, desde que precedida de suposições, que são operações do pensamento, e pela observação, pela experimentação e pela reflexão metódica. Afirmou-se que: toda percepção já subentende um juízo; não se deve aceitar conceito algum que não esteja definido, nem aprovar qualquer princípio que não possa ser deduzido dessas definições; deve-se começar pelas definições e pelos axiomas, passar às proposições com as suas provas, acrescentando os corolários e os escólios; o conhecimento é a percepção da correspondência entre duas ideias. Afirmou-se, ainda, que: o instinto de sociabilidade é o impulso fundamental do homem; o estado natural é o de paz e benevolência mútuas; é bom aquilo que promove o bem de todos; a ética é a arte de viver feliz, graças à razão e à virtude. E mais: são princípios básicos da inteligência o da posição (o eu), que é a tese, o da contraposição (o não eu), que é a antítese, e o da limitação (no eu, contrapondo ao eu divisível um não-eu divisível), que é a síntese; o eu compreende que o não-eu está posto por ele mesmo, o que nos dá a certeza da nossa liberdade. E mais ainda: tudo é natureza, e a natureza é tudo; tudo está submetido às mesmas leis, cujo conhecimento se baseia na experiência; o fim da cultura é a felicidade; a educação moral deve ensinar as consequências naturais dos atos; as tendências para a humanização são direções da aspiração ao aperfeiçoamento e englobam a individualização e a socialização; o homem culto sente que o seu dever é participar na obra cultural da humanidade.

No pensamento contemporâneo

Uma concepção naturalista do mundo assim se manifesta: toda cultura é o corpo vivo de uma ideia; toda civilização é o resíduo terrestre de uma cultura extinta; história é a realização de uma cultura possível.

Uma concepção culturalista do mundo afirma: são valores eternamente válidos o verdadeiro, o belo, o bom e o santo; o afã de conhecimento não se satisfaz, por completo, na ciência natural, fazendo-se necessário um ponto de vista diretor para distinguir o essencial no curso cósmico e na história humana, uma vez que a totalidade é inabarcável pela ciência.

Uma concepção do mundo baseada na teoria do conhecimento apresenta vertentes. A positivista se restringe aos fatos positivos, reais. A pragmatista considera verdadeiro aquilo que é conveniente para a espécie. A do idealismo crítico considera que cabe ao pensamento, e aos seus produtos, as categorias, resolver os problemas. A do realismo crítico é a de que o mundo existe independentemente dos indivíduos cognoscentes e do conhecimento e que a finalidade do mundo inclui a constante elevação do próprio fim.

O conhecimento filosófico intuitivo:

No pensamento antigo

No período cosmológico, a filosofia chamada irracionalista confundiu-se com a tradição dos ritos e dogmas, partindo da concepção monista do mundo em torno de uma substância primordial “arché” e da afirmação de que o que é não pode proceder do não-ser, que é inefável e impensável. Afirmou que: tudo devém; o determinismo, que produz a ilusão do repouso no seio do movimento, é a razão do universo e encontrar nele a norma dos atos é o problema da razão humana. Afirmou ainda que: a paz interior liberta o homem do império dos afetos e da angustiada crença nos deuses; para libertar-se, o homem deve controlar sua fantasia, ser justo, ser senhor dos seus prazeres, ser cidadão do mundo.

No período antropológico, o interesse em conhecer o próprio homem foi adquirindo prioridade, embora estivesse sempre presente, quando, no período anterior, a preocupação primeira do conhecimento era o mundo. Afirmou-se que: não é possível saber se os deuses existem ou não, pois essa matéria é impossível de ser averiguada; a reta evidência leva à ação justa, à virtude, que, por sua vez, leva à felicidade; o homem deve reduzir os seus desejos ao mínimo, para ser feliz.

No período sistemático, firmou-se o conceito do bem, transformado no fim último que canaliza e justifica a conduta. Afirmou-se que: são virtudes fundamentais a sabedoria, a fortaleza, a temperança, a justiça; toda ação humana se propõe a realizar um bem, um valor, e o valor supremo é a felicidade; há as virtudes dianoéticas, intelectuais, válidas por si mesmas, que são a sabedoria e a prudência, e as virtudes éticas, direções da vontade baseadas numa intenção.

No período eclético, considerou-se que: o fim supremo é a felicidade, à qual bastam a virtude e o prazer, este só quando decorre da virtude; deve-se viver de acordo com a natureza, submeter a razão do homem à razão do mundo; a virtude pode ser aprendida; há igualdade essencial em todos os homens; o supremo grau de conhecimento é a união plena com o uno originário no estado extático, que constitui, ao mesmo tempo, a suprema bem-aventurança.

No pensamento medieval

No período patrístico, do dogma, a característica foi a de uma nova vida religiosa e moral, baseada no amor aos semelhantes e a um Deus paternal, e não no conhecimento como valor supremo. E mais: Deus tirou o mundo do nada; para reconhecer como verdadeiro ou falso o que está fora dela, a consciência necessita de uma norma, e essa norma é Deus; para voltar a Deus, o homem deve paralisar toda a atividade do conhecimento humano, a fim de poder mergulhar no conhecimento divino.

No período escolástico, do sistema, caracterizado pela preocupação em fundamentar filosoficamente a doutrina cristã, sistema de dogmas, temos as afirmações que se seguem: o cristianismo é uma restauração da lei moral natural, já conhecida pelos antigos; o caráter ético dos atos depende unicamente da intenção do sujeito; o mal é um não-ser; o fim supremo do homem é a perfeição, que contém em si a felicidade. E mais: a mais nobre atividade do homem é o conhecer, que condiciona o querer; conhecer Deus é a suprema felicidade, mas o conhecimento de Deus possível neste mundo é um conhecimento imperfeito; é bom o que não contradiz a natureza racional, individual e social. E mais ainda: a norma da conduta virtuosa é a lei divina conhecida por meio da razão, e a sua aplicação compete à consciência; a virtude moral é um hábito decorrente da vontade; são virtudes morais a prudência, a temperança, a fortaleza e a justiça; são virtudes sobrenaturais a fé, a esperança e a caridade; o homem depende da graça divina para efetivar as virtudes; compete ao Estado manter a paz, promover a prosperidade material e incentivar a virtude intelectual e moral; a vontade se dirige sempre para o bem, revelado por Deus, independentemente de ser compreendido pela razão.

No pensamento moderno

No período humanístico, a renascença, houve uma atitude mitigada em face do intuitivo: desenvolveu-se o conceito de avaliação individual do valor, conservando-se, porém, o conceito de que a autoridade externa é útil para controlar a plebe; preconizou-se, por prudência, a submissão à lei e ao costume, lembrando, porém, que, para a conquista da felicidade pessoal, que decorre da paz da alma, é necessária a busca da liberdade interior; afirmou-se que há uma dependência mútua de todos os acontecimentos.

No período científico, afirmou-se que a virtude, unida à piedade, é a mais valiosa forma de reverência ao Ser Supremo. Preconizou-se a dúvida metódica, inclusive sobre o aparentemente evidente. Deduziu-se que: o conhecimento mais imediato é o do próprio entendimento; certas ideias (conceitos e princípios) brotam do espírito no decorrer da evolução do indivíduo (são inatas), as impressões externas servindo apenas de estímulo; a ética trata de como a vontade deve comportar-se em face dos afetos; o juízo pertence à vontade; o erro é um juízo precipitado; o assentimento é uma atividade moral muito importante. E mais: a maior virtude é a humildade decorrente do autoconhecimento; a ideia do bem é inata em todos os homens; o eu finito aspira ao eu absoluto; o mundo é o material da nossa atividade; o conhecimento consiste em que os conteúdos de consciência se encontrem numa relação regular com os objetos, ou seja, na apreensão cada vez mais perfeita do mundo real; colaborando com a cultura é que o indivíduo se eleva da temporalidade à eternidade.

No pensamento contemporâneo

A *filosofia religiosa confessional* afirma que: a fé e a ciência não podem contradizer-se; o mais alto fim da ciência é a verdade, e a fé evita que a ciência caia em erro; são fundamentais o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

A *filosofia neo-escolástica*, ou neotomista, afirma que o mundo existe independentemente do sujeito cognoscente e dos seus conteúdos de conhecimento; a vontade é livre (indeterminismo), mas o caráter e os motivos influem sobre ela (determinismo).

A *filosofia modernista* desenvolve a concepção de que: é impossível conhecer Deus, mas há uma necessidade da alma de se aproximar do incognoscível, que a faz buscar “experimentar”, “viver” Deus; a razão procura esclarecer a experiência religiosa, transformá-la em conhecimento, dando origem às ideias e aos conceitos do divino.

A *concepção protestante do mundo* manifesta: no protestantismo liberal, uma ética orientada para o progresso, com a exigência de fundamentação daquilo que se afirma; no protestantismo fundamental, a necessidade de liberdade individual para a interpretação dos textos sagrados e para a busca de evolução.

A *filosofia irracionalista* considera que: cada povo necessita desenvolver sua cultura sempre com vistas ao social; o universo vive e evolui graças a um impulso vital originário, Deus; o ser humano deve libertar-se do domínio das necessidades e do intelecto, escravo da utilidade, e, pelo ato da vontade, viver na intuição, criativamente, como Deus. E mais: devem efetivar-se os ideais de amor e fraternidade universais, inclusive nos deveres cotidianos, que estão em relação com as grandes conexões espirituais do mundo.

O conhecimento filosófico fenomenológico:

No pensamento antigo

No período cosmológico, afirmou-se que: os opostos encontram-se, ao mesmo tempo, reunidos harmonicamente numa ordem superior, num cosmo; há o mundo aparente, aquele que nos é dado pela percepção, e o mundo verdadeiro, oculto aos sentidos, só acessível ao pensamento; o que é, o movimento é, portanto tudo devém. E mais: nosso universo nasceu do caos, por um processo mecânico de separação e união; há os átomos, corpúsculos que se diferenciam apenas quantitativamente, e se movem no espaço vazio, em todas as direções; as diferenças qualitativas de um composto decorrem das diferenças quantitativas na união dos componentes; o pensamento distingue-se dos sentidos pela sua maior precisão e finura que lhe permite apreender o mundo, completando a percepção sensível.

No período antropológico, afirmou-se que: o homem é a medida de todas as coisas; há o sujeito, o objeto e a relação necessária entre eles; toda ação moralmente má provém de uma falta de evidência; a virtude pode ser aprendida, e deve ser praticada conforme a lei do Estado; a dialética é o instrumento habitual da educação do pensamento, por meio do exame da dúvida.

No período sistemático, afirmou-se que: a propriedade privada deve ser suprimida e a constituição deve harmonizar autoridade e liberdade; é fundamental entregar o

governo aos filósofos; todo conhecimento consiste na junção de conceitos para formar juízos e na combinação de juízos para formar silogismos e demonstrações; a mesma coisa não pode, ao mesmo tempo, ser e não ser considerada sob o mesmo ponto de vista e sob as mesmas relações, e uma qualquer coisa deve ser negada ou afirmada. E mais: o bem é o justo meio entre extremos, donde a soberania da classe média; a arte é uma catarse; é importante a auto-educação do caráter, que consiste em o desejar (sensual) subordinar-se ao querer (racional).

No período eclético, helenístico e greco-judáico, afirmou-se que: por meio de associações e comparações instintivas, surgem os conceitos comuns a todos, que são inatos, inatacáveis, absolutamente verdadeiros; a canônica, lógica, oferece a medida, cânnon, do que é verdadeiro e do que é falso; das percepções dos sentidos, que são verdadeiras, decorrem os conceitos e os pressupostos. E mais: o homem é livre; o prazer está na virtude; todo conhecimento é relativo; o conhecimento racional, dialética, percebe as próprias ideias (consciência de si).

No pensamento medieval

No período patrístico, do dogma afirmou-se que: tudo foi predestinado; o mal não é algo real, mas um não-ser, uma carência; a tudo preside um plano educador divino, com o objetivo de promover a volta de todos os espíritos a Deus.

No período escolástico, do sistema, afirmou-se que: o entendimento possui a capacidade de julgar, que é uma união e separação, por afirmação e negação; os conceitos gerais, as categorias e os axiomas mais gerais e evidentes é que permitem à razão, por meio dos silogismos, atingir novos conhecimentos; o valor não existe “em absoluto”, mas depende da capacidade de avaliar.

No pensamento moderno

No período humanístico, a renascença, afirmou-se que: o supremo fim da ação é a auto-afirmação, que só pode ocorrer no social; há uma alma universal e a consequente dependência mútua de todos os acontecimentos; não há “povo escolhido”; o necessário é que todo homem tenha amor no coração; o homem é livre para realizar o bem ou o mal.

No período científico, afirmou-se que: o universo não é moral nem imoral; o homem é virtuoso quando vive de acordo com a sua natureza; para viver virtuosamente é necessário o conhecimento racional das coisas; a suprema virtude, a suprema felicidade é o amor intelectual por Deus; só no Estado democrático é possível, viver a liberdade e a moralidade verdadeiras. Afirmou-se ainda que: o indivíduo vive e sente que está vivendo; há os fatos e as representações; os sentidos fornecem as percepções, que são trabalhadas pela razão; o conhecimento é relativo e o absoluto é incognoscível; uma coisa se torna conhecida quando se sabe de que maneira chegou a ser; compete à filosofia unificar inteiramente o conhecimento.

No pensamento contemporâneo

A concepção fenomenológica do mundo reza que os fenômenos são o imediatamente dado, e permitem esclarecer os conceitos, passando-se do singular (dado

na intuição) à contemplação da essência universal, o que pode ocorrer em qualquer percepção.

O meu pensar sobre as filosofias

O conhecimento filosófico, no seu todo, assim se expressa:

As raízes do pensamento filosófico racional podem resumir-se como se segue. O temor ao desconhecido, além de dar origem a um sentimento de religiosidade, propiciou, também, que o ser humano percebesse sua capacidade de conhecer, através da reflexão, a força das leis da natureza, simbolizá-las e procurar proteção na sua lógica. O pensamento antigo procurou: em um primeiro momento, explicar a origem, o mecanismo e o destino do universo; em um segundo momento, explicar a origem, o mecanismo e o destino do ser humano neste universo; em um terceiro momento, sistematizar o conhecimento adquirido nos períodos anteriores; em um quarto momento, repensar essa sistematização. O pensamento medieval ocupou-se em ensinar o aprendido, em uma primeira fase, de modo apologético, e, em uma segunda, de forma um pouco mais estruturada. O pensamento moderno procurou precisar o conhecimento e a linguagem que o expressa. O pensamento contemporâneo retomou a temática do maior rigor possível na busca e na comunicação do conhecimento.

As raízes do pensamento filosófico intuitivo podem resumir-se como se segue. O temor ao desconhecido, além de dar origem a um sentimento de religiosidade e propiciar a percepção de sua capacidade de conhecer através da reflexão, levou, também, o ser humano à intuição de que a razão não atinge o conhecimento total. O pensamento antigo, paralelamente às estruturas de razão, deu asas à intuição no que concerne à explicação da origem, do mecanismo e do destino do universo, e do ser humano neste universo. O pensamento medieval ocupou-se da visão intuitivo-religiosa do mundo, buscando dogmatizar e transmitir essa visão. O pensamento moderno procurou policiar a intuição, revigorando-a com uma linguagem mais precisa. O pensamento contemporâneo retomou a temática da visão intuitivo-mística do universo.

As raízes do pensamento filosófico fenomenológico podem resumir-se como se segue. O temor ao desconhecido, além de dar origem a um sentimento de religiosidade, proporcionar a percepção de sua capacidade de conhecer através da reflexão e levar à intuição de que a razão não atinge o conhecimento total, conduziu, também, o ser humano à apreensão de que o fenômeno universo e o fenômeno ser humano no universo não são cognoscíveis na sua origem nem no seu destino, e são parcamente conhecíveis na sua mecânica. O pensamento antigo, paralelamente às estruturas de razão e aos vãos da intuição, iniciou investidas de apreensão do fenômeno universo e do fenômeno ser humano no universo. O pensamento medieval ocupou-se da ampliação do conceito de mundo, com a abordagem intuitivo-religiosa do assunto. O pensamento moderno procurou lançar as bases da visão dialética racional-intuitiva do fenômeno eu-mundo, sujeito-objeto. O pensamento contemporâneo retomou a temática da visão fenomênica do mundo.

O pensamento filosófico racional gerou a teoria do conhecimento, a gnoseologia, ocupando-se, principalmente, com a estática e a dinâmica das coisas e do universo e com a estrutura e o funcionamento dos organismos. O pensamento filosófico intuitivo, uma vez que o pensamento filosófico racional não atingiu o conhecimento total, procurou complementá-lo com hipóteses irracionistas que apaziguassem os espíritos. O pensamento filosófico fenomenológico, ciente das limitações dos pensamentos filosóficos racional e intuitivo, buscou uma reflexão sintética sobre suas contribuições e à base da participação.

Concluimos que a virtude pode ser aprendida, desde que o governo seja entregue aos filósofos e que o processo educativo erradique as noções absurdas de um Deus vingativo e cruel e se valha dos conhecimentos sobre a evolução do ser humano, para poder monitorá-lo de acordo com a integração da sua personalidade em cada etapa do seu viver, inclusive respeitando os atrasos ou adiantamentos que possam ocorrer em função das diferenças individuais. As diretrizes em que devem pautar-se os seres humanos na busca da meta do seu existir, que é a maior felicidade possível para todos, podem assim ser resumidas: amar a Deus, isto é, reverenciar o mistério, sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo!

O pensar as doenças mentais

A trajetória do ser humano, que pode ser observada do encontro do espermatozoide com o óvulo até a transformação do corpo em pó, obedece a um esquema evolutivo, ocorrendo também perturbações nele. O esquema evolutivo compreende, no que concerne ao psiquismo: surgimento da angústia ao nascer e predominância desse sentimento até os nove meses; surgimento da fobia desde então e predominância dela até os dezoito meses; surgimento da obsessão desde então e predominância dela até os três anos; surgimento da histeria desde então e predominância dela até os seis anos; surgimento da latência desde então e predominância dela até os doze anos; surgimento da maturação sexual e da abstração desde então, o adolescer; maioridade e adultez desde os dezoito anos, com o caminhar maduro e pleno para a vida e para a morte.

As perturbações no esquema evolutivo, que são de duas naturezas, inaptações e desaptações, podem ser tratadas pelos psicoterapeutas nos seus aspectos de desajustamento e de neurose, quer nos indivíduos considerados estruturalmente normais, quer nos indivíduos psicóticos educáveis. Uma vez que a meta do ser humano é tornar-se pessoa, participe consciente da obra da evolução, sua e dos seus semelhantes, tem-se que ele necessita conhecer a si mesmo e o mundo no qual está inserido. A Teoria Psicoterapêutica Analítico fenomenológico-existencial, esotérica, pretende oferecer ao psicoterapeuta os conhecimentos necessários sobre o ser humano e uma técnica que lhe permita assistir-se e assistir os semelhantes na sua evolução, com o máximo de economia de tempo e de energia no cumprimento desse mister.

As neuroses

As neuroses correspondem às fixações do indivíduo nas fases de angústia, fobia, obsessão e histeria, fixações essas observáveis a partir dos seis anos e que podem resolver-se em qualquer idade ou prolongar-se por toda a vida. Dependendo do interesse do neurótico, os conflitos psíquicos que se instalaram nos seus primeiros anos de vida podem ser resolvidos pelo exame dos seus correlatos atuais, o que lhe vai permitir compreender a inutilidade, na prática da vida, de determinadas atitudes conflitivas tornadas habituais. Há o caso do benefício secundário da neurose, quando o indivíduo, com suas atitudes neuróticas, consegue alguma gratificação do ambiente, o que pode diminuir seu interesse em modificar-se. A psicoterapia pode facilitar e abreviar o exame e a resolução dos conflitos neuróticos, quer dos indivíduos normais, quer dos psicóticos.

A angústia de ser é o tronco comum às demais formas de distorção da realidade. Ocorre muito habitualmente que a angústia permanente de ser injurie tanto o organismo que indivíduos sadios adoçam fisicamente e que seus males orgânicos se cronifiquem. Há casos em que um fundo constitucional de instabilidade emocional, sistematicamente bombardeado por choques emocionais, compromete definitivamente o indivíduo,

podendo, então, ocorrer que sua necessidade exacerbada de atenção torne sua convivência insuportável e os familiares venham a valer-se de instituições de reclusão para se livrarem do peso da sua presença. Devidamente tratado, o angustiado pode não chegar a tal extremo e evoluir para a fobia.

A fobia de ser é o deslocamento da angústia de ser. A ocorrência típica da fobia de ser é a de desconhecimento do conflito, de fuga de o conhecer e de valorização do objeto fóbico, símbolo do conflito. A fobia é sempre um alibi para refugiar-se da responsabilidade de assumir opções. Propiciando liberação de energia, a atitude fóbica é menos agressiva para o organismo do que a simples angústia de ser. No entanto, pode ocorrer que a ambivalência atração-repulsão se dê em tal grau e com tal frequência em situações vitais que leve ao comprometimento definitivo da saúde do indivíduo, impossibilitando os familiares de o manterem no convívio do lar. Devidamente tratado, o fóbico pode não chegar a tal extremo e evoluir para a obsessão.

A obsessão de ser é o deslocamento da fobia de ser, que já é o deslocamento da angústia de ser. A ocorrência típica da obsessão de ser é a do caráter compulsivo dos sentimentos, dos pensamentos e das condutas, apesar da constatação da absurdidade dos mesmos. A obsessão, seja no momento compulsivo, seja no momento de defesa estratégica, é uma saga de martírios, dos menores aos maiores, sempre com a finalidade de descartar-se da responsabilidade pelo seu viver. Diferentemente da atitude fóbica, que pode ser menos agressiva para o organismo, a atitude obsessiva, procurando sempre garantir a via do castigo, leva ao esgotamento, podendo haver o comprometimento definitivo do organismo, tornando o indivíduo não desejado na convivência familiar. Devidamente tratado, o obsessivo pode não chegar a tal extremo e evoluir para a histeria.

A histeria de ser é o deslocamento da obsessão de ser, que já é o deslocamento da fobia de ser que, por sua vez, é o deslocamento da angústia de ser. A ocorrência típica da histeria é a falsificação dos sentimentos, dos pensamentos e das condutas, a ponto de o indivíduo negar quaisquer parâmetros do real. Seja no momento conversivo, seja no momento criativo de personagens, é o “esperto”, que se satisfaz com a representação de um simulacro de vida, teatralizando inclusive uma falsa responsabilidade, com a finalidade de fugir à responsabilidade real sobre o seu viver. Diferentemente das atitudes obsessiva, fóbica e de angústia, a atitude histérica pode levar a benefícios secundários tão satisfatórios para o indivíduo que ele jamais venha a se conscientizar da vida de desonra que criou para si mesmo. Devidamente tratado, o histérico pode não chegar a tal extremo e evoluir para a maturidade.

As neuroses ocorrem como “fixações”, ilusões, em decorrência de emoções perturbadas no relacionamento do psiquismo com o ambiente, que visa à sobrevivência e à reprodução. A emoção choque provoca a angústia de ser, natural até os nove meses; a emoção antecipação-medo provoca a fobia de ser, natural até os dezoito meses; a emoção antecipação-cólera provoca a obsessão de ser, natural até os três anos; a emoção antecipação-amor, falso amor, provoca a histeria de ser, natural até os seis anos. Depois dos seis anos podem ocorrer as “fixações”: o indivíduo pode permanecer em alguma das fases anteriores ou passar a viver os resíduos dessas dificuldades em planos de cada vez maior conscientização.

As psicoses

As psicoses são as vivências dos indivíduos nos polos das relações com a realidade, que os colocam, nos momentos de surto ou de crise, à margem do comércio com o mundo, em estado de alienação, que pode manifestar-se desde a infância. Com base nos manuais de psiquiatria, podemos noticiar sobre as psicoses: há a esquizofrenia, a paranoia, a mania

e a melancolia. A esquizofrenia, com base na angústia, pode manifestar-se desde tenra infância, mas pode também deflagrar na adolescência ou na idade adulta. A paranoia, com base na fobia e na obsessão, pode manifestar-se desde a infância, mas adquire características definidas na adolescência e recrudescer na idade adulta. A mania, com base na histeria, pode manifestar-se desde a infância, mas adquire características definidas no adulto jovem, podendo manifestar-se também na velhice. A melancolia, também com base na histeria, pode manifestar-se também desde a infância, mas adquire características definidas na idade adulta. Qualquer das formas de psicose pode imiscuir-se no quadro dominante de uma outra; pode também constituir episódio passageiro, crítico, na vida de qualquer indivíduo. O ambiente pode contribuir para agravar as dificuldades do psicótico, neurotizando-o ou, mesmo, alimentando surtos e crises.

O esquizofrênico jamais se liberta da sensação de ter sido traído. A angústia de ser, provocada pelo nascimento, jamais evolui para angústia de existir, estado natural de desamparo provocado pela sensação natural de separação. Vítima de uma deficiência ignorada, passa pela vida como que sonhando, sonho muitas vezes tornado pesadelo. Incompreendido pelos familiares, se não também esquizofrênicos, em geral, pelo menos, neuróticos ou ignorantes de como lidar com ele, martiriza e é martirizado, muitas vezes chegando ao autoextermínio, ou ao extermínio do seu objeto-matriz, extermínio esse direto, pelo assassinato, ou indireto, pelo desgaste emocional ocasionado pela sua convivência. Incapaz de evoluir, desagrega-se, e, na voragem da sua desagregação, arrasta consigo todos que pode arrebatá-lo, provocando cataclismos familiares e, muitas vezes, sociais.

O paranoico jamais se liberta da sensação de ter sido traído e de estar abandonado. O resíduo da angústia de ser permanece como fundo sobre o qual se desenrolam a fobia de ser (provocada pelo fato de ser só), que jamais evolui para a fobia de existir (reflexão sobre a fobia), e a obsessão de ser (provocada pela necessidade de reagir), que jamais evolui para a obsessão de existir (reflexão sobre a obsessão). Vítima, também, de uma deficiência ignorada, passa pela vida entre o sonho e a realidade. Incompreendido pelos familiares, se não esquizofrênicos ou também paranoicos, pelo menos, em geral, neuróticos ou ignorantes de como lidar com ele, desenvolve, de maneira bastante sofisticada, o tema perseguido-perseguidor, pois não sofre déficit intelectual. Sua arma é a esperteza, que é faca de dois gumes, pois, ao ferir, sempre fica a descoberto para satisfazer seu anseio secreto de ser ferido. Temeroso do desmesurado poder que imagina possuir, procura, no fundo, alguém mais poderoso que o contenha e o salve de si mesmo.

O maníaco, em função da urgência dos reclamos instintivos do seu organismo, seja ocasionada diretamente pelas necessidades endógenas orgânicas e/ou psíquicas, seja induzida por influências exógenas orgânicas e/ou psíquicas, passa diretamente para a angústia difusa, sincrética, globalizante. Desse modo, situando-se na posição de animal sem freios, estado esse anterior a qualquer reconhecimento de frustração, instala o viver irracional primitivo, mítico, orgiástico. Conforme sua influência no ambiente, arrasta o grupo para a vivência quiliásmica, libertadora, aquela que busca desenfreadamente o êxtase como catarse dos impulsos reprimidos até o limite suportável para a sobrevivência.

O melancólico, em função da desurgência dos reclamos instintivos do seu organismo, seja ocasionada diretamente pelas disfunções endógenas orgânicas e/ou psíquicas, seja induzida por influências exógenas orgânicas e/ou psíquicas, passa para a angústia difusa, sincrética, globalizante, mas já elaborada. Desse modo, situando-se na posição de animal frenado, estado esse decorrente de experiências dolorosas de frustração, instala o viver irracional primitivo, mítico, degredado. Conforme sua influência no ambiente, pode, no seu segundo momento, aquele em que busca

desesperadamente a punição como catarse dos impulsos inibidos até o limite do suportável para a sobrevivência, arrastar o grupo para a vivência quiliásmica, libertadora.

As psicoses, assim como as neuroses, ocorrem como fixações, ilusões, mas não, como aquelas, apenas em decorrência de emoções perturbadas no relacionamento do psiquismo com o ambiente, mas em decorrência, principalmente, de déficit orgânico que compromete de modo definitivo o funcionamento do psiquismo mesmo. Tal déficit orgânico é inato (psicoses endógenas) ou adquirido (psicoses exógenas); no primeiro caso, é ainda incurável, ficando o seu tratamento e cura na dependência do progresso da ciência; no segundo caso, pode ser erradicado em determinados quadros ou tornar-se indelével, crônico, como no primeiro caso. Fato é que, no caso das psicoses, a psicoterapia só funciona como coadjuvante, trabalhando os resíduos neuróticos dos psicóticos, e orientando os familiares no sentido de contribuírem para a sua melhor adaptação possível ao ambiente.

O meu pensar sobre as doenças mentais

Minha prática profissional como psicoterapeuta teve início no meu consultório, onde eu contava com três sócias para tratarem crianças e adolescentes, além de aplicar os testes que se fizessem necessários, ficando a meu cargo a psicoterapia individual de adultos. Posteriormente, passei, a convite da equipe, a ser psicoterapeuta de grupo, onde trabalhei de 1º de fevereiro de 1985 até 31 de dezembro de 2012, equipe esta que se denomina CEPAFE, Centro de Psicoterapia Analítico Fenomenológico-Existencial, em homenagem à minha teoria e minha técnica psicoterapêuticas.

Depois de trabalhar como psicoterapeuta de grupo por 27 anos, pude constatar a veracidade da pesquisa feita por psiquiatras, em 1986, com base na aplicação do teste de Rorschach, além de outros provavelmente, que concluiu que 86% da humanidade manifestam traços psicóticos, e que, portanto, só 14% da humanidade podem ser considerados normais. Dos mais de 5.000 clientes que tratei no CEPAFE, somente cinco foram considerados normais pela nossa equipe encarregada dos diagnósticos, sendo que a totalidade manifestava neurose também.

Um reparo posso fazer no caso da denominação de neurose dada aos clientes. Neurose não é doença, está fora dessa categoria. Os indivíduos denominados neuróticos são aqueles que, por ignorância, não evoluíram para a adultez, ou nem sequer, para a adolescência. Eles são, assim, alunos aprendendo o que não aprenderam no lar, na escola e na vida, que os ajudasse a passar pelas fases naturais da infância para tentar viver a adolescência e a adultez, conforme o seu aparato organo-psíquico decorrente de sua idade cronológica.

Da minha vivência profissional, recordo-me de dois fatos interessantes, além dos muitos que tenho em minha mente. O primeiro deles é de um dos cinco clientes diagnosticados como normais, uma jovem de educação refinada, trato fácil e profissional competente, que não manifestou nenhuma capacidade de compreender os valores morais, apesar de os viver no seu cotidiano; ela foi diagnosticada como anômica (sem normas), o correspondente do psicopata na psiquiatria. Dois outros clientes com leves resíduos psicóticos, apresentaram evolução adolescente ao nível pacificador, os únicos clientes que atendi que não tiveram diagnóstico de infantis, um agricultor e um professor universitário.

De um modo geral, meu trabalho correu sem percalços. Uma experiência apenas tive no grupo 2, que trata do aperfeiçoamento do autoconhecimento, com base no estudo do diagnóstico da equipe especializada, que é entregue e explicado individualmente e discutido em grupo no primeiro período psicoterapêutico, de duração de cinco meses; já

no segundo período pois, uma cliente teve um surto psicótico, não aceitando o diagnóstico que havia aceitado no período anterior; a cliente, com quociente intelectual muito elevado, perdeu completamente a compostura, tendo sido levada para a sala da minha assistente, que era psiquiatra dela.

O tempo passou. Sem que soubéssemos de nada, ela nos processou, atitude que levou anos para chegar ao nosso conhecimento, por um ofício do Conselho Estadual de Psicologia. Minha assistente e eu tivemos que ser defendidas por advogados, e a prebenda se estendeu por bastante tempo. Fomos absolvidas, mas minha assistente continua, até hoje, sendo chamada para responder por detalhes técnicos da minha psicoterapia, que o Conselho ignora e se recusa a conhecer, sendo que devolveu intacta, minha obra completa, que lhe foi enviada no início da questão. Só rindo!

Quero trasladar aqui minha experiência profissional. No princípio, perdemos alguns clientes quando receberam o diagnóstico. Concluimos que seria necessária uma entrevista individual mais detalhada antes de assinarmos os contratos; desse modo, os indivíduos que não demonstravam discernimento sobre os valores morais, considerados psicóticos ineducáveis, eram encaminhados diretamente para os psicoterapeutas psiquiatras, para atendimento individual psiquiátrico, o único cabível no caso. Nunca mais perdemos nenhum cliente.

No início de cada atividade, tínhamos uma sessão de apresentação mútua; todos eram estimulados para levantarem todas as questões que tivessem sobre o trabalho proposto, autoconhecimento, antes de assinar o contrato. Mesmo quando não questionada, eu me apresentava, explicando minha postura diante da vida e citando que vivia um grande amor por uma amiga; para a minha surpresa, ninguém jamais ocupou-se da minha vida amorosa nem deixou de assinar o contrato. Os trabalhos de psicoterapia de grupo sempre registraram aproveitamento total.

Tudo que foi explicitado até então teve como objetivo esclarecer o clima em que ocorria meu trabalho, de absoluta harmonia e seriedade, onde os indivíduos expunham suas preocupações, e eu, sempre que cabível, dava meus exemplos de vida. Em todos os grupos ocorria que o assunto mais urgente se referia à vida sexual, demonstrando todos um desconhecimento total sobre a dinâmica sexual a dois, ou seja, como satisfazer o parceiro ou a parceira.

No mais, os grupos decorreram dentro da normalidade, com diálogos sobre a angústia, a fobia, a obsessão e a histeria. A evolução se fazia, com o aproveitamento de todos, quer nos diálogos, quer nos relatos dos sucessos na tentativa das condutas esperadas. Apesar de o sucesso do trabalho ter sido sempre total, não podemos garantir o teor do aprendizado, ou seja, se os clientes trabalharam, apenas, o seu conhecimento, ou se, de fato, valeram-se das vantagens dos ganhos totais de bem-estar.

Atenho-me, agora, ao assunto, doença mental. Necessário se faz, lembrar que a psicose é o estado natural observável no indivíduo, da fecundação aos nove meses de idade, quando então manifesta-se sua trajetória em uma das vias, a da normalidade ou a da psicose propriamente dita, conforme seu padrão genético. Dos nove meses aos seis anos, em qualquer das vias, ocorre o estado natural, chamado neurose.

A neurose, estado natural dos indivíduos dos nove meses até os seis anos, é uma terminologia discutível. A meu ver ela não cabe no período cronológico infantil, pois é o estado natural da criança naquela fase, assim como a angústia o é de 0 hora aos nove meses, e não uma fase de psicose. A neurose (neuro, nervo) é uma expressão que se refere ao sistema nervoso, ou melhor, ao desgaste dele em função da ignorância, que ocorre em situações de atraso na evolução do indivíduo, e que desaparece quando o indivíduo é devidamente esclarecido quanto à maneira de agir em determinadas situações.

Assim, os clientes diagnosticados como neuróticos, se devidamente tratados, adquirem os conhecimentos necessários para se harmonizarem consigo mesmos e com os outros indivíduos, de acordo com sua idade cronológica, passando a não se confundirem com aqueles realmente neuróticos, cuja disfunção ocorre no sistema nervoso, e que podem apresentar diferentes sintomas, e chegar, mesmo, à cronificação de alguma patologia. Desse modo, podemos concluir que não tratamos neuróticos, mas, sim, indivíduos ignorantes.

Da mesma forma, não sabemos se os nossos clientes eram todos psicóticos, porque a maioria era bem-sucedida profissionalmente, apresentando conflitos naturais dos ignorantes, que de fato eram. Uma vez que o tratamento do temperamento compete aos médicos, ocupamo-nos apenas do caráter, com o objetivo de orientar os clientes no sentido de não manifestarem medos irracionais e raivas explosivas, mas cultivarem a harmonia e a sociabilidade, valendo-se de medicamentos, se necessário, e, quando for o caso, para sempre.

Nossa mais importante contribuição é, ao meu ver, o cuidado com a assimilação da farsa e com sua utilidade inestimável. Uma vez que os clientes aprenderam a buscar socorro quando angustiados, a distinguir a fobia do medo real, a obsessão da raiva normal e a histeria da farsa, surge a encruzilhada do tratamento. Os clientes necessitam adotar uma postura normal no cotidiano, mesmo que seja de farsa. Se atingirem a praticidade, caminharão, naturalmente, para a adolescência e para a adultez.

Uma fase importante da minha vida profissional foram os concursos acadêmicos. Em 1962 defendi a tese “Da necessidade e da possibilidade da aplicação da psicologia à educação”, que constou de argumentações sobre a necessidade, e o relato do trabalho feito com um grupo universitário, provando a possibilidade. No relato da necessidade, desenvolvi um relatório da história da psicologia e da psicologia da educação. No desenvolvimento da possibilidade relatei meu estudo de casos individuais e o experimento da psicoterapia de um grupo de oito universitários. Como resultado, obtive o título de Doutora em Psicologia da Educação.

Em 1963, defendi a tese “Da problemática da adolescência – o estudante mineiro de ensino médio”; em quatro capítulos: “A pessoa humana”, “A adolescência”, “O adolescente mineiro” e “Memento, momento e modulação”. Nossa pesquisa teve como objetivo fazer o levantamento dos conflitos dos adolescentes mineiros de ensino médio nas diversas áreas em seus graus e tipos. A amostra total atingiu 1.364 indivíduos, representando 1% da população estudantil do ensino médio do Estado, registrada no Anuário Estatístico do Brasil – IBGE/1959. Obtive o registro de Livre-docência à cadeira de Psicologia Educacional.

Em 1973, defendi a tese “Da personalização e da sintonização progressivas” em escolas públicas (um Jardim da Infância e um Grupo Escolar), em uma classe universitária a meu cargo, e em hospitais psiquiátricos do Estado, em três capítulos: “Do passado... que é o prólogo”, “Do presente... que é o discurso” e “Do futuro... que é o epílogo”. A estrutura geral da pesquisa e o seu funcionamento, exarados na tese, ocuparam-se da hipótese de que é possível, por meio de medidas bem planejadas, transformar uma escola comum e um hospital psiquiátrico comum, instituições totais, respectivamente, em comunidades educativa e terapêutica. Com essa tese recebi o nível superior da minha carreira, o de Titular em Psicologia da Educação (antiga Cátedra).

Consideramos interessante inserir aqui uma notícia sobre a estrutura da Fundação Souza Brasil e o seu funcionamento como um todo.

A Fundação Souza Brasil (meu sobrenome) compreende a clínica e a escola. A clínica, CEPAFE, é o Centro de Psicoterapia Analítico-Fenomenológico-Existencial, e cumpre duas funções, os atendimentos individuais e os atendimentos em grupo, estes

últimos oferecendo cinco grupos de cinco meses cada um, sendo os últimos quatro de aperfeiçoamento, quais sejam:

G1 – Autoconhecimento

G2 – Aperfeiçoamento Pessoal

G3 – Preparação do Mediador

G4 – Decodificação dos Símbolos

G5 – Sistematização

A escola, ESEX, Escola Existencial Otávio de Oliveira Brasil (meu pai), que comporta a Biblioteca Zilda de Souza Brasil (minha mãe), oferecendo a formação na minha teoria e na minha técnica, com diplomação que permite aos alunos valer-se dos conhecimentos adquiridos da forma que desejarem, seja qual for a sua formação profissional. O curso é ministrado em cinco módulos, de cinco meses de duração cada um deles:

M1 – Fundamentos

M2 – Teoria

M3 – Técnica

M4 – Simbolização

M5 – Metodologia Existencial

O meu conviver com as doenças mentais

Embora as doenças mentais não sejam a minha especialidade, o conhecimento delas é fundamental para o diagnóstico diferencial dos clientes, a fim de que o andamento da psicoterapia não sofra percalços e não traga empecilhos para a formação do caráter, que pode ser autêntica, um reto pensar e um reto viver, ou uma farsa deles, o que já é algo a ser valorizado em si, pois, como já dissemos, é fundamental que o cliente aprenda as condutas condizentes com sua faixa cronológica, mesmo que seja apenas por condicionamento.

Uma circunstância da minha vida levou-me ao conhecimento das doenças mentais, pois meu pai trabalhava na administração de um manicômio judiciário, e, como eu desejava ser psicóloga, ensinou-me as patologias com as quais convivia. Outra circunstância foi a de que, tendo-se casado com um tio, minha avó gerou filhos que, com o passar da idade, foram manifestando sintomas de patologia mental, sendo que meu avô, na velhice, também demonstrou problemas mentais.

Além dos ensinamentos do meu pai, desde os 18 anos estudei a obra de Freud em profundidade. Quando fiz o Curso de Psicologia Profunda (psicanálise) com o Professor Malomar Lund Edeweis, meu analista-ditada por seis anos, fiz a disciplina psiquiatria, com o Professor Jarbas Moacir Portela, que incluía estágio nos Hospitais Galba Veloso e Raul Soares, tendo eu trabalhado neste último como psicóloga do Estado.

Dos meus estágios e do meu trabalho no Hospital Raul Soares, vou relatar algumas das muitas lembranças, todas muito ilustrativas para minha formação no quesito diagnóstico diferencial, muito importante para o bom resultado dos procedimentos psicoterapêuticos. Nos nossos périplos pelos pátios, só de pacientes do sexo masculino, íamos, pelo menos, aos pares, para evitar qualquer incidente com algum paciente mais agitado. Muito raramente conseguíamos que alguns deles dialogassem conosco sobre como se sentiam ali, ou algo assim.

Um rapaz abriu-se comigo e disse que precisava ir para casa pois a mãe dele não andava mais e era ele quem cuidava dela. Um colega meu, médico estagiário, e eu, solicitamos permissão ao diretor para conferir o fato, e lá fomos. Encontramos, num casebre, uma senhora idosa, sentada no chão, com fogareiro e alimentos armazenados em

volta. Explicamos quem éramos nós e ela, muito contente, pediu para que deixássemos o filho dela sair porque ele fazia muita falta, apesar de ser ajudada por alguns vizinhos.

De retorno, conseguimos que o diretor providenciasse a alta e nos permitisse levar o paciente para casa. O encontro de mãe e filho foi muito comovente. Ele, então, nos mostrou uma coleção de panfletos de uma entidade denominada Instituto Brasil, com dicas sobre empregos e cursos preparatórios à distância. Lemos os panfletos e explicamos a ele como proceder para obter as informações desejadas, pois ele pretendia fazer um curso à distância para conseguir um emprego; ele explicou que foi internado por vadiagem porque não tinha ocupação.

Fizemos também um grupo psicoterapêutico de alcoólatras, com a devida autorização do diretor. Na entrevista inicial reconheci o irmão de uma senhora que se declarava minha desafeta. Comuniquei o fato ao diretor, que indagou da referida senhora se haveria impedimento de ele frequentar o grupo psicoterapêutico sob minha responsabilidade. Para minha surpresa, ela, não só autorizou a presença do irmão no meu grupo, como, também, agradeceu nosso interesse por ele.

Aprendemos muito com esse grupo. Não só eles não demonstravam crise psicótica como, também, lamentavam estar longe de casa. No diálogo, numa meia dúzia de encontros experienciais para nós, estagiários, constatamos que, devidamente medicados, alguns deles poderiam ser tratados em casa. Ao ser informado de nossas observações, o diretor explicou que aquela era uma instituição estadual e muitas famílias se recusavam a receber de volta os membros recalcitrantes.

Um detalhe a respeito desse hospital mostra o estado das instituições do gênero do país. Nós todos, funcionários com nível universitário, possuíamos carro e éramos obrigados a permanecer nele enquanto os faxineiros lavavam as áreas comuns, corredores e salas, com mangueira, porque à noite os pacientes perambulavam por lá, defecando e urinando. Quando terminavam a limpeza o odor ainda empestava o ambiente por muito tempo, razão pela qual nos refugiávamos nos refeitórios, que eram mais arejados.

No Hospital Galba Veloso as características do estágio eram diferentes porque o diretor não aceitava estagiários psicólogos, e só aceitou a mim, declarando que conhecia minha competência. No meu primeiro dia de estágio, como era de praxe, os médicos estagiários me passaram um trote: levaram-me diretamente para a sala de eletrochoque onde várias mulheres foram submetidas a ele, sem anestesia, pois a verba havia acabado. Eu permaneci tranquila e eles ficaram desapontados.

Os meus colegas jamais saberão a razão da minha “competência”. Meu pai, que tivera crises epiléticas na infância e na adolescência, namorou minha mãe, ficou noivo, casou-se com ela e teve nove filhos, sem que tivesse nenhuma crise e sem termos tido notícias de quaisquer crises no passado. Minha mãe teve o que se chamava derrame cerebral e ficou hemiplégica do lado direito, tendo aprendido a escrever com a mão esquerda, pois era uma inveterada missivista, e eu e meu irmão mais velho morávamos fora.

Minha mãe durou mais sete anos e, claudicando da perna direita, nunca deixou de se esforçar para seguir a vida normalmente. Receio que tivesse havido dificuldades no relacionamento sexual porque, passados alguns anos do derrame, meu pai passou a ter crises convulsivas, para nosso espanto. Eu sabia que o orgasmo funcionava como um choque convulsivo e fiquei imaginando se meu pai não estivesse privado dessa descarga natural, mas não tinha liberdade para conferir minha suspeita.

Meu pai sofria muito de enxaqueca, que associava a uma úlcera duodenal. Ele ficava no quarto escuro e toda a família era alertada a se comportar o mais silenciosamente possível. Curada a úlcera, tiveram início as crises epiléticas. Estando eu trabalhando e estudando na capital, tive notícia de um neurologista famoso, Dr. José Geraldo Albernaz,

e trouxe meu pai para consultar com ele. Feitos os exames concluiu-se que meu pai tinha uma calosidade na base do cérebro que causava as convulsões. Devidamente medicado, as crises não mais voltaram.

Indagando dos parentes dele mais velhos, ficamos sabendo que ele era um menino muito arteiro e que, na infância, teria sido vítima de uma enxadada, na nuca, por um jardineiro que não viu quando ele se meteu no seu trabalho. As hipóteses do neurologista eram, uma pancada no local ou hereditariedade. Ficamos preocupados com a hereditariedade, mas nada ocorreu conosco. É bem verdade que minha irmã abaixo de mim quase cinco anos, teve, por volta dos três anos, um coma inexplicável, de vinte e quatro horas, sem sequelas.

Uma outra ocorrência se deu no Hospital Galba Veloso. Era uma sessão de revisão de pacientes para alta. O psiquiatra responsável perguntou a um paciente onde ele morava e ele respondeu que morava no buraco fundo; em face da sua resposta o médico mandou-o de volta para a enfermaria, e nos explicou que, se ele não sabia onde morava, não podia ter alta. Sempre fui muito curiosa e, indagando sobre o assunto, um funcionário me disse que Buraco Fundo era o lugar onde ele morava. Procurei esclarecer a questão.

Uma outra vez o diretor, excepcionalmente, me convidou para assistir a revisão do caso de uma paciente que ele achava muito curioso. Chegou uma jovem, como se estivesse segurando uma criança, e assim permaneceu. Quando ela foi dispensada, o médico me contou que se tratava de uma mãe solteira que havia estrangulado o filho recém-nascido. Ele explicou que, quando necessário, ela mudava de postura. Ele tinha esperança no eletrochoque.

Terminadas minhas exposições e recordações, resta-me fazer um pequeno resumo sobre as doenças mentais e sua importância para a humanidade. Em primeiro lugar quero lembrar que todos nós nos deparamos todos os dias do nosso cotidiano com doentes mentais. Isso significa que nem todos estão na mesma fase e que muitos deles são sociáveis e úteis.

Percebo que os doentes mentais são “a menina dos olhos” de Deus. Isso porque eles representam um desafio à caridade, sentimento que nos enriquece e santifica. Grosso modo, o esquizofrênico aspira a acoplar-se a um indivíduo menos avisado, que considera um equivalente da figura materna. O paranoico escolhe a quem perseguir ou sentir que é perseguido por um alguém. O maníaco exige plateia. O melancólico deseja recolhimento.

Sejamos nós criados do nada, ou sejamos originados de uma imensa massa informe pré-existente, tudo indica que somos uma raça vinda do mesmo princípio criador. Se formos, mesmo, a quarta raça, e a quinta já esteja se formando na América, e a sétima será a última, tendo notícia da evolução de cada uma, estamos informados de que o universo será inspirado para ser novamente expirado em condições cada vez mais elevadas.

Os Evangelhos nos advertem: “Mas eu digo a vocês que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também qualquer que disser a seu irmão ‘Raca’ será levado ao tribunal. E qualquer que disser ‘Louco’ corre o risco de ir para o fogo do inferno” (Mateus 5:22). Devemos dar aos doentes mentais toda a atenção de que eles necessitam, e toda consideração de seres humanos, pois eles também merecem viver livremente, desde de que não agridam a si mesmos e a terceiros.

Conclusão

Estudei à exaustão as informações sobre as teologias, as filosofias, e as doenças mentais. Todos estes temas deixam a desejar quanto ao tratamento a eles dado em todas as instâncias. Por exemplo, se a maioria crê que Deus criou o mundo do nada, pode, também, concluir que o futuro é o nada; se alguns crêem que Deus criou o mundo de uma massa informe pré-existente, podem, pela mesma razão, crer que o futuro será uma massa informe pós-existente.

No início dos tempos não havia explicações conclusivas sobre bem e mal, que tiveram sua origem quando surgiram as figuras dos deuses e dos demônios, bem como do pecado e dos castigos por eles impostos. Incrivelmente, a crença monoteísta em um deus vingativo, que castiga os indivíduos que ele mesmo criou ainda domina em todas as religiões existentes, causando a falência delas junto aqueles indivíduos que percebem a incongruência da temática.

Com a certeza de que as crenças dos judeus, dos cristãos, dos islamistas e dos espíritas ferem a razão, necessário se faz desenvolver nos indivíduos o espírito crítico que vai originar o livre pensar, única forma de tornar o indivíduo um ser livre. Ser livre é raciocinar, decidir e agir de acordo com os seus próprios valores morais e sua própria ética. Uma vez que o indivíduo tem um temperamento e um caráter, e se expressa por meio da personalidade, conjunção dos dois, temperamento e caráter, há que os conhecer.

O temperamento é o substrato orgânico da personalidade; compreende todas as funções do corpo, as quais são confiadas aos profissionais da saúde sempre que demonstram quaisquer distúrbios que possam afetar seu comportamento; é importante ressaltar sua influência no tocante às doenças mentais, todas elas muito afetadas pelo temperamento, seja a tristeza da esquizofrenia, seja a fantasia da paranoia, seja o recolhimento da melancolia, seja o entusiasmo da mania. Um temperamento equilibrado é a base do comportamento do indivíduo considerado normal.

O caráter é o substrato psicossocial da personalidade; é o diretor de todas as condutas dos indivíduos; constitui-se no aprendizado do controle do medo e da raiva, nem que seja, pelo menos, pelo condicionamento; quando esse aprendizado é uma aquisição definitiva, prepara para a evolução pré-adolescente e adolescente, e para a evolução adulta, comunitária, humanística e cósmica. A formação do caráter se faz, no lar, na escola e na vida, devendo constituir-se em disciplina obrigatória nos ensinamentos fundamental, médio e universitário, cuja bibliografia inédita encontra-se em minhas Obras Completas.

A personalidade, a manifestação do comportamento, deve corresponder às características da idade cronológica do indivíduo, a fim de ele poder harmonizar-se nos grupos aos quais pertence e evoluir conforme suas possibilidades. A evolução da personalidade, conforme as aquisições do caráter, vai dando ao indivíduo o status correspondente à sua condição, abrindo o leque de suas realizações, procurando sempre as informações que vão promover o acesso a novos patamares, pessoais, profissionais e sociais. A pessoa está, sempre, prevendo e provendo o futuro.

A visão do futuro me faz lembrar os dizeres bíblicos que rezam, segundo João, no Apocalipse, revelação: Parágrafo primeiro – E havendo o cordeiro aberto um dos selos, olhei e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo branco e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso e para vencer (6:1-2). Parágrafo segundo – E havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal dizendo: Vem e vê. E saiu outro cavalo vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros, e foi-lhe dada uma grande espada (6:3-4). Parágrafo terceiro – E havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer o terceiro animal: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo

preto e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança em sua mão. E ouvi uma voz no meio dos quatro animais que dizia: uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho (6:5-6). Parágrafo quarto – E havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava sentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e as feras da terra (6:7-8).

Com a revelação apocalíptica de João, estão resumidos todos os males do mundo para os quais os indivíduos precisam estar preparados. Mas vejo, porém, um quinto animal, feito de metal, no qual está assentado um robô, com uma pulseira eletrônica que tudo controla, da sua montaria ao finito das coisas deste mundo, mas não controla o outro mundo, o infinito, o além. Este cavaleiro é o algoritmo, cuja superinteligência artificial, substitui o indivíduo, toma posse de todas as atividades, desumaniza a vida, destrói o humano a nossa volta, faz-se poder.

O algoritmo, conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas, não tem o poder de subtrair a dignidade do ser humano. É só uma sequência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um número finito de dados, permite, solucionar classes semelhantes de problemas. O robô e a inteligência artificial, seus correlatos, são inimigos tão malfeitosos à humanidade do ser quanto a derrota, a guerra, a fome e a morte.

Mais malfeitores ainda, são os escritores que propalam, com toda vestimenta reluzente de “os mais lidos do ano” que a humanidade será dominada pelas máquinas, pelos robôs, pela inteligência artificial; ao invés de serem festejados, deveriam ser banidos da sociedade dos incautos, cujo pensar eles contaminam. O indivíduo não se criou, portanto, ele não pode criar um semelhante, muito menos um superior, razão pela qual balelas dessa ordem não podem vir, impunemente, à tona.

Deixados de lado os inimigos, o indivíduo tem mais em que pensar, por exemplo, na sua origem, nos princípios vitais originados no óvulo e no espermatozoide, princípios vitais estes ainda ignorados (ou foram descobertos e não me contaram?) e que, acoplados, formam o ovo, o milagre dos milagres que, com, sua evolução, dará origem ao ser inteiro. Enaltecendo a natureza toda e, com ela, a humanidade, o indivíduo, o milagre dos milagres, tem muito em que pensar.

Ele sabe que não é corpo, pois “possui” um corpo; ele sabe que não é espírito, pois “possui” um espírito; ele sabe que não é mente, pois “possui” uma mente; ele sabe que não é pensamento porque o pensamento é produto da mente, que se encontra no corpo que ele “possui”, e que se localiza no cérebro. Quem é ele afinal? Qualquer raciocínio lógico sobre o assunto leva à concepção de que o indivíduo, inteiro, está vivo, porque se move, age. Logo, o eu é vida. A questão é saber se ele, o eu, que é vida, sobreviverá à morte.

Numa visão panorâmica do todo, o eu, que é vida, encontra-se cercado de milagres: o reino mineral; o reino vegetal; o reino animal; o oceano; o firmamento. O eu é vida; O corpo fala: estou vivo. Mas quando o corpo morre não sabemos se o eu pode dizer, estou vivo, ou sem vida. Se o eu é vida, pode ser considerado eterno, como Deus, a cuja semelhança foi criado, corroborando com um princípio caro aos monoteístas, exorcizados o pecado e o castigo, claro!

O indivíduo, na sua concepção de originado do nada, pode definir-se como voltando ao nada. Na sua concepção de vindo de uma massa informe pré-existente, pode definir-se como a ela voltando. No entanto, em qualquer dos casos, há um espaço de tempo, entre a vida e a morte do corpo, em que o indivíduo vive a liberdade de ser, de

pensar e de agir, de mobilizar-se no espaço e no tempo, evoluindo, criando, procriando, socializando-se em todos os âmbitos, comunitário, humanístico e cósmico.

É mais do que hora de o indivíduo aceitar a realidade, viver a realidade. No interregno em que, do nascimento à morte, já tiver adquirido os conhecimentos necessários para se bastar e para cumprir com seus compromissos, ele pode programar o seu existir. A humanidade se expande de tal modo, que, enquanto o indivíduo vive o seu cotidiano, os cientistas, alguns se debruçam sobre os microscópios, outros lançam sondas no espaço.

Não há que temer a automação. Embora jogos virtuais possam até provocar sensação de dor, embora sondas árabes, americanas e chilenas estejam sondando as crateras e os lagos gelados de Marte, nada, nada mesmo vai atingir, nem de longe, o mistério da vida, do que ela é, como é, em que consiste, como atua, qual o seu destino. O indivíduo necessita viver com dignidade, na verdade, a liberdade que se permita viver.

Meu primeiro amor foi, na adolescência, uma paixão platônica pela minha professora de francês, que perdura por toda a minha vida. Na juventude, tive alguns namoros, dois efetivados. Na maturidade, vivi um grande amor com um amigo vinte e sete anos e cinco meses mais velho do que eu, que durou dez anos e nove meses, até o falecimento dele. Ainda na maturidade e, se estendendo para a velhice, vivi outro grande amor, com uma amiga quatro anos mais velha do que eu, que durou quarenta e um anos e seis meses, até o falecimento dela.

A vida me trouxe as oportunidades para viver o que eu quis viver, pessoal e profissionalmente. Eu me afeiçoei a muitas pessoas. Minha vida é amor, aos parentes, aos amigos, aos clientes. No momento estou convalescendo de problemas cardíacos, mas continuo lutando pelo meu ideal de que minha teoria e minha técnica contribuam para a formação do caráter da humanidade, a fim de que os indivíduos possam viver o reto pensar e o reto agir, em liberdade! Inácio de Loyola ensinava “orai e vigiai”. O político irlandês do século XVIII Jonh Philpot Curran pontificava “o preço da liberdade é a eterna vigilância!”